

ALFREDO MOREIRA DA SILVA JÚNIOR

CATOLICISMO, PODER E TRADIÇÃO : um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961)

ASSIS
2006

ALFREDO MOREIRA DA SILVA JÚNIOR

CATOLICISMO, PODER E TRADIÇÃO : um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História (Área : História e Sociedade).

Orientador : Prof. Dr. Eduardo Basto de Albuquerque

ASSIS
2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Silva Júnior, Alfredo Moreira

S586c Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o Bispado de D.Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961) / Alfredo Moreira da Silva Júnior. Assis, 2006

94 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Catolicismo. 2. Religião – História. 3. Igreja e Estado - Brasil. I. Título.

CDD 282
322.1

ALFREDO MOREIRA DA SILVA JÚNIOR

CATOLICISMO, PODER E TRADIÇÃO: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961)

**Dissertação apresentada à
Faculdade de Ciências e Letras –
UNESP para a obtenção do título de
Mestre em HISTÓRIA (Área: História
e Sociedade)**

Data da Aprovação: 14/02/2006

BANCA EXAMINADORA

Presidente: PROF. DR. EDUARDO BASTO DE ALBUQUERQUE -
UNESP/Assis

Membros: DR. LUÍS DE CASTRO CAMPOS JÚNIOR - FAFIJA/Jacarezinho

DR. MILTON CARLOS COSTA - UNESP/Assis

À minha amada esposa , Eliane

Cuja presença, paciência e afeto me deram tranqüilidade e força para a realização deste trabalho .

AGRADECIMENTOS

Inúmeras foram as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para o desenvolvimento dessa dissertação, é árdua a tarefa de agradecer nominalmente a cada um pois, sempre corre-se o risco de por esquecimento cometer-se injustiça, por isso peço desculpas se deixei de citar alguém.

Inicialmente gostaria de agradecer aos meus pais que possibilitaram sob duras penas minha formação acadêmica. A minha família pela compreensão e apoio . Aos colegas do Departamento de História da UNESPAR/FAFIJA que possibilitaram meu afastamento para a pesquisa, em especial ao Prof. Dr. Reinéro A. Lérias pelo apoio e incentivo , à prof^a Edinéia da Costa Teixeira pelo contribuição através de seus depoimentos e documentação disponibilizada. A prof^a. Dr^a. Andréa Dorini de Oliveira Rossi pelas importantes contribuições ao projeto de pesquisa. Ao Bispo D. Fernando José Penteado que gentilmente disponibilizou toda a documentação da diocese de Jacarezinho relativa ao período estudado e ao Prof. Dr. Luis de Castro Campos Júnior e aos acadêmicos do Núcleo de Estudos em História das Religiões pelo auxílio com a documentação e as discussões que travamos.

Gostaria ainda de agradecer aos professores participantes da Banca de Qualificação : Prof. Dr. Milton Carlos Costa e Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha pelas importantes observações feitas, muitas das quais adotadas no trabalho . Um especial agradecimento ao Prof. Dr. Eduardo Basto de Albuquerque pela atenção e paciência próprias de um grande orientador e mestre, a você Eduardo , minha total gratidão por sua dedicação e profissionalismo.

SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da . *Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961)*. 2006. 95 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre as práticas conservadoras católicas no Brasil do século XX, destaca-se o uso de uma metodologia da História Religiosa onde se desenvolve aspectos históricos que incluem a atuação de sujeitos históricos individuais ou coletivos e a inserção social de determinada religião num recorte temporal. Verifica-se inicialmente, os acontecimentos políticos e as ações católicas que nos levam a uma compreensão das características do catolicismo e do conservadorismo católico brasileiro bem como, do processo de romanização da Igreja Brasileira e do catolicismo no Brasil, aponta-se a Era Vargas como o apogeu do modelo institucional conhecido como neocristandade onde se privilegia o engajamento das elites leigas na defesa do catolicismo e busca-se uma aproximação com o Estado. Num período posterior compreendido entre 1947 a 1961, durante o bispado de Dom Geraldo Sigaud na diocese de Jacarezinho no Estado do Paraná, observa-se, os aspectos das mudanças ocorridas no pós-guerra que influenciarão as estratégias políticas e pastorais da Igreja gerando um choque entre clérigos tradicionalistas e reformadores, percebe-se também, o desenvolvimento de uma neocristandade tardia, uma resistência à ala reformista da Igreja e um forte posicionamento integrista quanto às questões doutrinárias e políticas, assim, recusam-se as transformações na sociedade e na cultura que ocorrem em todo o mundo no pós-guerra através de uma postura doutrinal que busca um retorno à Idade Média e à manutenção das tradições católicas tridentinas, tais posições tem um reflexo em âmbito mundial durante as discussões por ocasião do Concílio Vaticano II e em nível nacional nas ações anticomunistas incluindo-se aí, o embate com o clero reformista e a luta contra a Reforma Agrária proposta pelo presidente Goulart, atitudes que acabaram por auxiliar a “legitimação” do Golpe de 1964.

Palavras-chave : Catolicismo, conservadorismo, neocristandade, anticomunismo

SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira de. Catolicismo, poder y tradición: un estudio sobre las acciones del conservadurismo católico brasileño durante el obispado de D. Geraldo Signaud en Jacarezinho (1947 -1961). 2006.95 p. Disertación (Máster en Historia) – Faculdade de Ciencias e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis.

RESUMEN

El presente trabajo es un estudio sobre las prácticas conservadoras católicas en Brasil del siglo XX y se destaca el uso de una metodología de la Historia Religiosa donde se desarrollan aspectos históricos que incluyen la actuación de sujetos históricos individuales o colectivos y la inserción social de determinada religión en un recorte temporal. Se verifica inicialmente, los sucesos políticos y las acciones católicas que nos llevan a una comprensión de las características del catolicismo y del conservadurismo católico brasileño, así como del proceso de romanización de la Iglesia Brasileña y del catolicismo en Brasil, se apunta la Era Vargas como el apogeo del modelo institucional conocido como neocristiandad donde se privilegia el empeño de las elites laicas en la defensa del catolicismo y se busca un acercamiento con el Estado. En un período posterior comprendido entre 1947 a 1961, durante el obispado de Don Geraldo Sigaud en la Diócesis de Jacarezinho en el Estado de Paraná, se observa, los aspectos de cambios ocurridas en el pos-guerra que influenciarán las estrategias políticas y pastorales de la Iglesia generando un choque entre clérigos tradicionalistas y reformadores, se percibe también, el desarrollo de una neocristiandad tardía, una resistencia a la ala reformista de la Iglesia y un fuerte posicionamiento integrista con respecto a las cuestiones doctrinarias y políticas, así, se rechazan las transformaciones en la sociedad y en la cultura que ocurren en todo el mundo en el pos-guerra a través de una postura doctrinal que busca un retorno a la Edad Media y a la manutención de las tradiciones católicas tridentinas, tales posiciones tienen un reflejo en ámbito mundial durante las discusiones por ocasión del Concilio Vaticano II y en nivel nacional en las acciones anticomunistas incluyéndose ahí, el embate con el clero reformista y la lucha contra la Reforma Agraria propuesta por el presidente Goulart, actitudes que acabaron por auxiliar la legitimación del “Golpe de 1964”.

Palabras-llave:Catolicismo, conservadurismo, neocristiandad, anticomunismo.

O homem religioso se quer diferente do que ele acha que é no plano de sua existência profana. O homem religioso não é dado : faz-se a si próprio ao aproximar-se dos modelos divinos.

Mircea Eliade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – PRÁTICAS CONSERVADORAS CATÓLICAS NO BRASIL DO SÉCULO XX	18
1.1. Conservadorismo e catolicismo : antecedentes históricos	18
1.2. As origens do conservadorismo católico brasileiro	21
1.3. A romanização da Igreja brasileira e a neocristandade	26
1.4. A romanização do catolicismo brasileiro e as origens do integrismo no Brasil	31
1.5. A efervescência política da década de 30 e as práticas católicas	34
1.6. A simbologia católica na legitimação do Estado Novo	36
CAPÍTULO 2 – DOM GERALDO SIGAUD E A NEOCRISTANDE	40
2.1. A neocristandade tardia da diocese de Jacarezinho	40
2.2. A religiosidade leiga acaba sendo minada pelos encantos do pós-guerra	48
2.3. O discurso conservador católico no embate ideológico pré golpe	52
CAPÍTULO 3 – O EMBATE ENTRE TRADICIONALISTAS E PROGRESSISTAS	57
3.1. O Vaticano II e a mudança global	57

3.2. Sigaud e Mayer a posição tradicionalista a respeito da Questão Agrária	66
CONCLUSÃO	83
FONTES	86
BIBLIOGRAFIA	88

*A tradição não impede absolutamente em nada
o justo e feliz progresso, mas é ao mesmo
tempo um poderoso estímulo para perseverar no
caminho seguro.*

Pio XI

INTRODUÇÃO

As relações entre o Catolicismo o poder e as tradições sob o aspecto político e cultural foram objeto de vários estudos ao longo do século XX. Alguns deles são referência a respeito do catolicismo, assim, Romano¹, Mainwaring², Antoine³, dentre outros. Procuraram entender alguns aspectos do Catolicismo na tentativa de explicar o funcionamento da Igreja enquanto uma instituição temporal e não só como uma entidade religiosa. Focalizando a primeira metade do século XX, tais análises procuram demonstrar dois pontos fundamentais: por um lado, o esforço da Igreja Católica Romana em se fortalecer no Brasil e, também, utilizar estratégias para buscar uma influência maior sobre a sociedade Brasileira. Por outro, enfatizam a busca de uma aproximação maior com o Estado após a Proclamação da República, sendo que a questão do conservadorismo católico está obrigatoriamente presente nestas obras. Esta foi a posição assumida pela Igreja Brasileira durante o período da Romanização, ou seja, até a década de 40. São bastante divulgados os estudos sobre o catolicismo brasileiro em suas vertentes reformadoras particularmente no final dos anos 50 e início dos 60, entretanto, ainda é pouco estudado o conservadorismo dos grupos resistentes a mudanças que ocorreram na sociedade mais ampla e que promoveram uma nova postura da Igreja Católica Romana frente aos novos desafios que surgiam.

¹ ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairós, 1979.

² MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil: 1916 – 1985*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

³ ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

A questão do poder sempre esteve relacionada à Igreja Católica, desde sua sistematização enquanto organismo político-religioso a partir da admissão do Catolicismo como religião oficial do Império Romano. Tal dimensão é sobre a sociedade e poder sobre as almas pois, “fora dela não há salvação nem perdão”. Este poder representado pela Igreja, se desdobra na tradição em seus diversos aspectos: a institucional ou oficial e a popular, produzida ao longo dos séculos pelo imaginário dos fiéis.

O poder e a tradição católica atingem seu auge na Idade Média Ocidental. O modelo sócio-político-religioso desse período passa a ser referência para o catolicismo desde então. Com a modernidade, a reforma religiosa e as Revoluções Burguesas, a Igreja sente-se ameaçada e para deter o avanço revolucionário do “reino das paixões” contra o “o Reino de Deus”, detona a Contra-Reforma e logo após, a contra-revolução a partir do conservadorismo. Em nível mundial, ao longo de mais de dois séculos, observa-se o embate entre as “novas idéias” e a reação católica. No entanto, o retorno à Idade Média, segundo à Igreja Católica a “Idade de Ouro” para a cristandade ocidental, parecia cada vez mais difícil ou até mesmo impossível. A adaptação aos novos tempos ocorre num sistema político-religioso que se coloca acima do mundo, num tempo que é de Deus e não dos homens, ou seja, não se trata de “mudar o catolicismo” mas de aceitar as mudanças ocorridas no mundo mantendo a ortodoxia e as tradições da “Cidade Eterna”, sem fazer qualquer concessão aos “novos tempos”.

No século XX temos um contexto de imensas transformações sociais, culturais e tecnológicas e crescente industrialização mundial, o avanço dos meios de

comunicação de massa representado, nesse momento, principalmente pelo cinema e mais tarde pela televisão. Era a época da corrida espacial, onde as grandes potências dividiam ideologicamente o mundo e demonstravam seu poderio científico. Quais os rumos da Igreja enquanto uma instituição temporal e espiritual diante dessa situação? Adaptação aos novos tempos ou enfrentamento? O Concílio Vaticano II pareceu uma saída para este dilema, mas, ao mesmo tempo, acabou suscitando, desde sua preparação, diferentes leituras a respeito da redefinição de papéis e estratégias no Catolicismo Romano⁴.

É a compreensão de como se produziu a reafirmação do discurso e da prática no âmbito político religioso próprio do Século XIX e início do século XX, para fazer frente às crescentes mudanças e as implicações disso no momento social e político brasileiro, que motivou o desenvolvimento do estudo do entendimento do pensamento católico conservador e das atitudes representadas por um Bispo seguidor desta tendência.

Diante da problemática exposta, propor-se-á uma abordagem metodológica a partir da História Religiosa⁵, e dentro dessa perspectiva, ter-se-á que esta vertente historiográfica,

...pode desenvolver aspectos históricos como as relações de uma ou várias religiões com a política, analisar a atuação de sujeitos históricos individuais, grandes personagens ou líderes, ou sujeitos históricos coletivos. Ela pode preocupar-se com a inserção social de determinada religião em certo tempo.⁶

⁴ ALBERIGO, Giuseppe (Dir.) . História do Concílio Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1996, v.1.

⁵ ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no campo de estudos da religião e da história In GUERREIRO, Silas (org.). O estudo das religiões desafios contemporâneos .São Paulo : Paulinas, 2003. p.57-68.

⁶ Op.Cit. p.64.

Desta forma, o presente trabalho não tratará propriamente do catolicismo como sistema religioso mas sim, dele num contexto político-cultural próprio do Brasil, em meados do século XX.

As fontes utilizadas neste estudo serão documentos da Diocese de Jacarezinho que trataram de acontecimentos do período abordado. Em especial, serão estudadas algumas Cartas Pastorais e o Livro de Circulares da Diocese e, também, algumas encíclicas que influenciaram diretamente o discurso e as práticas de Sigaud junto aos fiéis. Serão focalizadas duas obras produzidas pelo Bispo no início dos anos 60: o *Catecismo Anticomunista e Reforma Agrária Questão de Consciência*. A opção pela utilização de documentos escritos em detrimento do uso da oralidade deve-se à possibilidade da interpretação e crítica desses documentos poderem suprir questões tais como: qual o papel do conservadorismo católico na política e na cultura brasileiras no período abordado, quais eram as relações entre o Bispo Sigaud e os fiéis nesse período e quais as conseqüências dessas relações de conservadorismo enquanto fruto da própria doutrina católica e de resistência conservadora no catolicismo brasileiro.

Assim, no primeiro capítulo, abordar-se-ão algumas práticas conservadoras católicas no Brasil do século XX, os antecedentes históricos do conservadorismo católico e o processo de romanização da Igreja Brasileira, bem como alguns aspectos das relações Estado-Igreja na primeira metade do século XX no Brasil.

A relação de Sigaud com o modelo institucional conhecido como neocristandade será abordada no segundo capítulo, destacando-se o desenvolvimento e a manutenção desse modelo na Diocese de Jacarezinho, com o reflexo das

transformações mundiais no laicato e as práticas conservadoras às vésperas do Golpe de 1964.

No terceiro capítulo, buscar-se-á compreender os aspectos das mudanças ocorridas no pós-guerra que influenciarão as estratégias políticas e pastorais da Igreja e os motivos que farão Sigaud manter-se firmemente como um tradicionalista no início dos anos 60. Ademais, ver-se-á as implicações disso a partir de um contexto político e religioso nacional e tentar-se-á compreender os acontecimentos e os posicionamentos institucionais da Igreja, enfim, o seu “papel” enquanto parte da história.

Procurar-se-á seguir os conselhos de Le Goff⁷ :

O interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos; por exemplo, coloca em primeiro plano, para a história moderna, o registro paroquial que conserva para a memória todos os homens.

Desta forma, o presente trabalho buscará a compreensão dos documentos a partir do ambiente político, religioso, institucional que o produziu, e entender a vitória momentânea em 1964 das posições políticas do tradicionalismo católico brasileiro e sua posterior derrocada.

⁷LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p.541.

Quaisquer que sejam as vicissitudes pelas quais as formas de governo são chamadas a passar, haverá sempre entre os cidadãos essas desigualdades de condições, sem as quais uma sociedade não pode existir nem conceber-se.

Leão XIII

CAPÍTULO 1 – PRÁTICAS CONSERVADORAS CATÓLICAS NO BRASIL DO SÉCULO XX

1.1. Conservadorismo e catolicismo : antecedentes históricos

Para ROMANO¹, no século XIX, facções conservadoras se rebelaram contra as transformações causadas pela Reforma Religiosa do Século XV e a Revolução francesa que “solaparam” as bases religiosas da sociedade e fizeram com que o individualismo burguês prevalecesse sobre o coletivismo católico, assim,

Todos os teóricos conservadores do século passado ao refletirem sobre a Revolução Francesa (ligada segundo eles, ao protestantismo, e às luzes, mas exprimindo uma evolução interna à natureza), postulavam o retorno irrelutável “ ao todo.”²

O individualismo presente na Revolução francesa e na declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, levariam à ruína da sociedade, inviabilizando a convivência entre os homens, para o conservadorismo, no entanto, haveria a possibilidade de um “retorno” à ordem natural das coisas. De Bonald afirmava que *A Revolução Francesa começou com a Declaração dos Direitos dos Homens; só terminará com a declaração dos Direitos de Deus*³. Neste sentido, Romano nos coloca que:

¹ ROMANO, Roberto. O Conservadorismo Romântico: a origem do totalitarismo. 2.ed.São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997.

² ROMANO, op.cit. p.73

³ Apud ROMANO, loc.cit.

De Bonald exprime diretamente aquilo que Schelling adverte por alegoria: “ quando uma sociedade religiosas ou política , desviada da constituição natural das sociedades, atinge a medida do erro e da licença, as funções naturais do corpo social se abalam e cessam ... Este estado chamado desordem é sempre passageiro, por mais longo que possa ser porque ele é contra a natureza dos seres e a Ordem é a lei inviolável (ou essencial) de seres inteligentes⁴.

Os conservadores irão lidar com os “ novos tempos “ buscando conforto na história e no passado, para Mannheim⁵ :

A forma conservadora norteia-se pela experiência do passado; parte do princípio de que tudo o que existe possui um valor nominal e positivo em razão de sua existência lenta e gradual. Trata-se assim, do aperfeiçoamento do passado para uma experiência real, isto é , como se o passado se experimentasse como um presente virtual. (Nenhum ponto de vista pode ser defendido por sua racionalidade intrínseca, pois só a História podia legitimar ou invalidar uma pretensão política. Era preferível estar ao lado do Weltgeist que ser um profeta de verdades eternas.)

Para os conservadores, a Revolução visa acabar com o sagrado, abalar a harmonia social e tornar os homens arrogantes e egoístas à medida que se afastam de Deus, pois

A religião perdeu sua influência calmante, pacificada, a ponto de parecer ridículo o desejo de uma Paz Perpétua . O ímpeto revolucionário rompeu, seguindo nisto a Reforma, os últimos liames que cingiam o Papa, “único chefe supremo”, à “numerosa comunidade”(zahlreiche zunft), às “ belas reuniões nas igrejas cheias de mistério”.⁶

⁴ apud ROMANO, loc.cit.

⁵ MANNHEIM, Karl Apud MERCADANTE, Paulo. *A consciência conservadora no Brasil* .4.ed. Rio de Janeiro: Top Books, 2003. p.274.

⁶ KANT, apud Romano, op.cit. p.75

Na luta contra as grandes mudanças pelas quais a sociedade passava com a modernidade, “ a Igreja Católica foi escolhida por todos os conservadores como modelo comunitário para o controle da sociedade civil”.⁷

No caso do Catolicismo Brasileiro, no mesmo período, temos, na visão de AZZI⁸, duas formas básicas de catolicismo que denomina de catolicismo tradicional (tendo este termo, segundo Wernet , sentido de catolicismo popular) e o catolicismo renovado que corresponderia ao catolicismo romanizado. Desta forma:

Na história religiosa do Brasil estão presentes duas formas básicas de catolicismo : o catolicismo tradicional e o catolicismo renovado. Entre as principais características do catolicismo tradicional podemos indicar as seguintes: é luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar. O catolicismo renovado por sua vez, apresenta as seguintes características: é romano, clerical, tridentino, individual e sacramental.⁹

Há no período colonial e no império, um catolicismo que mescla cultura popular e tradições religiosas, Religião e Estado. A participação dos leigos era enorme e se manifestava através das irmandades e confrarias. O poder religioso e o poder político se entrelaçavam sendo os monarcas portugueses e, posteriormente, os brasileiros, os verdadeiros chefes da Igreja no Brasil. Distanciando-se assim, graças ao Real Padroado, a Igreja Brasileira das diretrizes e controles de Roma .

⁷ ROMANO, op.cit.p.73

⁸ AZZI apud WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no Século XIX*. São Paulo: Ática, 1987, p.17

⁹ AZZI apud WERNET, loc.cit.

1.2. As origens do conservadorismo católico brasileiro

O conservadorismo católico brasileiro origina-se no movimento de romanização do catolicismo iniciado em meados do século XIX , incentivado pelos núncios apostólicos .Estabelecidos no Brasil após 1808, como representantes da Cúria Romana, procuravam estes diplomatas diminuir a influência da coroa luso-brasileira sobre a Igreja no Brasil e colocá-la sob as ordens diretas da Santa Sé. Segundo Romano

Na colônia, foi tão forte o mando laico sobre o instituto eclesiástico, que se pode falar neste último como uma “ corporação que foi transformada em serva do poder secular, como um departamento do Estado”. Documentos oficiais da época definiam normas que regulavam o procedimento dos negócios religiosos. Previa-se desde o modo a ser empregado na remuneração dos quadros eclesiásticos, até o controle eficaz do culto, por parte do funcionário civil, o qual deveria acompanhar a ação dos bispos, avisando o governo central de eventuais revoltosos no meio da hierarquia, fornecendo-se à administração local, nessas ocasiões, as regras de comportamento necessárias¹⁰.

Num contexto como este, o clero acaba se distanciando de sua missão religiosa e vai deixando-se corromper pelas “ vantagens “ da cumplicidade com as autoridades e com os grandes proprietários, no Brasil Colonial e no início do Império. Devido ao caráter rural da sociedade brasileira, nesse período, o sacerdócio passa a ser encarado mais como status social do que como vocação .

¹⁰ ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo : Kairós, 1979.p. 81-82.

Vivia-se então, no mundo católico, a chamada crise modernista. Segundo o Vaticano, esta crise iniciara-se com o Renascimento e a Reforma e foi agravada com as idéias iluministas, liberais, socialistas e anarquistas que assolavam o mundo cristão desde o século XVIII. A solução era buscar o resgate da influência da Cúria Romana em contraposição à busca do enfraquecimento do “catolicismo nacionalizado” , Tal posição é identificada em várias encíclicas deste período. Para o Papa Pio IX :

Tal é o sistema perverso e oposto à luz natural da razão, o qual propugna pela indiferença em matéria de religião, por meio da qual esses inveterados inimigos da religião, obliterando toda distinção entre virtude e vício, verdade e erro, honestidade e vileza, asseveram que se pode alcançar a salvação eterna em qualquer religião, como se acaso pudessem consorciar-se a justiça e a iniquidade, a luz e as trevas, Cristo e Belial. Tal é a vil conspiração tramada contra o celibato clerical que, oh dor ! Vem sendo apoiada por algumas pessoas eclesiásticas, as quais, esquecidas lastimosamente de sua dignidade, deixam-se seduzir pelos prazeres da sensualidade; tal é a doutrina perversa, máxime em matérias filosóficas, que seduz e corrompe miseravelmente a juventude incauta, propinando-lhe fel de dragão em cálice de Babilônia; tal é a nefanda doutrina do comunismo, contrária ao direito natural, que, uma vez aceita, lança por terra os direitos de todos, a propriedade, a própria sociedade humana; tais as insídias tenebrosas daqueles que, em pele de ovelhas, mas sendo lobos rapaces, insinuando-se fraudulentamente com sua aparência de piedade sincera, de virtude e disciplina, intrometem-se humildemente, captam com brandura, atacam delicadamente, matam às ocultas, afastam os homens de toda religião, sacrificam e destroçam as ovelhas do senhor. Tal, por fim, para não referir tudo o mais, de vosso pleno conhecimento, a propaganda infame de livros e folhetos que voam por todos os recantos, ensinando os homens a pecar; livros e folhetos que, compostos com arte e imbuídos de enganos em artifício, profusamente esparsos para ruína do povo cristão, semeiam doutrinas pestíferas depravam o coração e as almas, sobretudo dos menos avisados, e inflingem graves prejuízos à religião¹¹.

¹¹ PIO IX. *Qui Pluribus* (*Sobre os erros contemporâneos e o modo de os combater*). 3.ed. Petrópolis:Vozes, 1960. Série Documentos Pontíficos, 35, V.III, p.8-9.

Percebe-se claramente, pela leitura interpretativa de acontecimentos de grande repercussão no ocidente como a Revolução Francesa, as Revoluções Liberais, a Comuna de Paris, dentre outros, um claro posicionamento da Igreja defendendo uma ordem social tipicamente medieval. Ao mesmo tempo, insiste em defender a monarquia de origem divina como a única forma de governo aceitável, até mesmo no final do século XIX. Como diz o Papa Leão XIII :

A guerra terrível há longo tempo empreendida contra a autoridade divina da Igreja teve o desfecho que devia ter: pôs em perigo a sociedade em geral, e muito especialmente o poder civil, que é o principal sustentáculo do bem público. Mais do que qualquer outra, a nossa época fornece esta demonstração pelos fatos. Mostra-nos as paixões populares mais ousadas do que nunca em repelir toda a autoridade, e a licença tão geral, as sedições e distúrbios tão freqüentes, que os que governam, depois de verem recusar-se-lhes a obediência, não acham mesmo mais no seu poder a garantia da sua segurança pessoal. De longa data tem-se trabalhado em fazer deles um objeto de ódio e de desprezo para o povo; o incêndio assim fomentado irrompeu enfim, e em pouco tempo viu-se a vida dos maiores soberanos exposta a “complots” tenebrosos ou atentados de criminosa audácia. A Europa inteira ainda há pouco fremia de horror à notícia do assassinato nefando de um poderoso imperador; e logo após tamanho crime, quando a estupefação que ele causou ainda oprime todas as almas, celeradas não se arreceiam de lançar publicamente a intimidação e a ameaça à face dos outros soberanos da Europa¹².

No Brasil, o episódio que demarcou a posição dos romanizadores da Igreja foi sem dúvida a chamada “Questão Religiosa”, que evidencia o verdadeiro estado das relações Estado-Igreja no Brasil, após a independência, quando carecem de definições claras os direitos dos poderes espiritual e temporal.

¹² LEÃO XIII. *Diuernum Illud (Sobre a origem do poder civil)*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1951. Série Documentos Pontifícios, 12, V. 1, p.3-4.

O episódio se iniciou em 1870 e, foram seus principais protagonistas os bispos de Olinda e do Pará. Neste momento, a maçonaria estava fortalecida pelo fato de governar o país o Visconde de Rio Branco, Grão-Mestre dessa instituição. Para Rio Branco, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda era um elemento inconveniente às relações entre os políticos e o clero devido à sua intransigência na defesa da autoridade absoluta do papa.

D. Vital interditou todos os templos pertencentes às irmandades e ordens terceiras dirigidas por membros da maçonaria. No Pará, D. Antônio de Macedo Costa adotou comportamento semelhante. *O episódio do veto, aos membros das irmandades religiosas, de pertencerem simultaneamente às lojas maçônicas, inscreve-se na lógica de retomada, pelos bispos, das rédeas da instituição espiritual.*¹³

O governo imperial, atendendo às reivindicações das associações, determinou que os bispos refizessem sua decisão. Estes, no entanto, mantiveram-se firmes quanto à decisão e por isso acabaram detidos. A justiça imperial condenou-os a quatro anos de prisão com trabalhos forçados, pena que depois foi comutada para trabalhos simples. A atitude do Vaticano, num primeiro momento, foi de censura aos dois religiosos. Mas, no decorrer do processo, tal posição mudou e ambos passam a ser apoiados por Roma.

Em 1875, foi concedida anistia aos Bispos e através da Encíclica *Exortae in ista ditione*, o Papa assegurava que o levantamento das interdições não mudava a posição da Santa Sé a respeito da maçonaria.

¹³ ROMANO, op.cit., p.84.

A Questão religiosa provocou uma imensa deterioração nas relações Estado-Igreja a ponto de, no final do século XIX, a Proclamação da República ser encarada de duas maneiras distintas pelo clero brasileiro: de um lado, com apreensão pelo fato de a República acabar com o catolicismo como religião oficial e, por outro, com um certo alívio pelo fim do padroado régio que, de certa forma, acabara por dificultar a atuação da Igreja.

Para BARROS, 1971¹⁴, esta crise entre Igreja e Estado deve ser inserida no “*quadro amplo da verdadeira questão religiosa, que o envolve, explica e transcende*”. Para o autor, há um embate entre o projeto ultramontano de PIO IX e as facções da Igreja Nacional cujas características em termos políticos eram extremamente peculiares já que, historicamente existem exemplos de sacerdotes católicos envolvidos com liberais e maçons em movimentos políticos desde os fins do século XVIII. A situação torna-se mais grave se levarmos em conta as ligações do próprio Imperador com a maçonaria e que o mesmo tinha, as atribuições do poder temporal pelo Real Padroado. Todavia, Estado e Igreja necessitavam um do outro pela conjuntura política do momento ou ainda pelos projetos institucionais de cada um. Barros assim esclarece :

Toda a questão religiosa, no seu momento dramático, provava, somente uma tese: a de que o regime da religião privilegiada não correspondia à realidade do País, urgindo promover-se a instituição da plena liberdade religiosa, introduzindo a neutralidade confessional no seio do Estado. Nem o Estado, nem a Igreja, entretanto, desejavam que tal acontecesse; ambos pugnavam pela religião oficial, discordando apenas na questão básica referente ‘ prioridade do poder temporal ou

¹⁴ BARROS, Roque Spencer M. Vida Religiosa e Questão Religiosa in HOLANDA, Sérgio Buarque de ; CAMPOS, Pedro Moacyr (Direção) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1971. Tomo II, vol. 4.p.338-365.

do poder espiritual. Para a monarquia a afirmação da religião oficial estava ligada a seu próprio destino: afinal, era o catolicismo que afirmava o direito divino da realeza e que o sustentava.¹⁵

A Questão Religiosa significou uma virada no posicionamento de parte da hierarquia da Igreja com relação ao Real Padroado e os rumos doutrinários do catolicismo no Brasil, de modo que : *A ação de D.Vital esteve em perfeita consonância com a busca do episcopado católico, resolvido a restabelecer a disciplina e a autoridade no interior da Igreja, com o Ultramontanismo.*¹⁶

1.3. A romanização da Igreja brasileira e a neocrisandade

A Carta pastoral de 1916, publicada por D. Sebastião Leme, na época arcebispo de Olinda, é de grande importância para o entendimento daquele período que seria um marco na história da Igreja . Assim nela :

Chamava a atenção para a fragilidade da Igreja institucional, as deficiências das práticas religiosas populares, a falta de padres, o estado precário da educação religiosa, a ausência de intelectuais católicos, a limitada influência política da Igreja e sua depauperada situação financeira¹⁷.

Durante o século XIX, a Igreja Católica Brasileira adquiriu contornos bem próprios em suas práticas. De um lado, há na união Estado-Igreja um

¹⁵ BARROS, op.cit.,p.365.

¹⁶ ROMANO, op.cit.,p.84-85.

¹⁷ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil : 1916 – 1985*. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.41.

fortalecimento do Catolicismo enquanto religião oficial, mas , por outro ângulo, percebe-se em alguns momentos da história política do período imperial um certo cerceamento na aplicação dos princípios defendidos pelo Vaticano, que vai culminar com a questão religiosa entre 1872 e 1875. Ademais, se a Proclamação da República separa o Estado e a Igreja e tal separação era temida pela hierarquia clerical como algo que poderia levar a uma perda de privilégios adquiridos, no entanto, acabou com a constante interferência do Estado nos assuntos da Igreja .¹⁸

O fim da união Estado- Igreja, era uma espécie de “dogma” entre liberais e positivistas e foi objeto de vários entendimentos entre a hierarquia da Igreja e os líderes republicanos, Tais entendimentos asseguraram no decreto de abolição do Padroado Régio (Decreto 119-A) algumas conquistas para a Igreja, como por exemplo : ampla liberdade religiosa para todos os brasileiros e estrangeiros, garantia o exercício público de todos os cultos religiosos e o direito de construção de templos e equiparava a Igreja Católica a todas as outras igrejas, mas lhe preservava a propriedade dos bens . Isto destoava de outros ambientes, porque :

No processo europeu da revolução burguesa, a desapropriação dos bens eclesiásticos foi um instrumento fundamental para aumentar o patrimônio imobiliário da burguesia e do próprio estado, tanto no campo como na cidade. No Brasil, ao contrário, esse instrumento de acumulação não foi empregado...

... Mais ainda , continuou, mesmo no século XX, o hábito de latifundiários doarem terras para a igreja Católica, sobre as quais foram fundadas cidades e as quais se constituíram em fonte de renda para a instituição católica na forma de enfiteuses e aforamentos.¹⁹

¹⁸ MAINWARING, op.cit. p.42.

¹⁹ MANOEL, Ivan A. Igreja e laicismo educacional : as bases do conflito. *In Didática* : São Paulo, v.21 : 1-10, 1985.

Separada do Estado e entendendo-se ameaçada, a Igreja passou a se reorganizar internamente, buscava promover uma presença mais marcante na sociedade. O período que se estende de 1890 a 1916 é tido como um período de mudanças e adaptações aos novos tempos. Enfraquecida, a hierarquia da Igreja preferiu ceder ao invés de entrar em atrito com os republicanos, evitando assim um anticlericalismo rancoroso e hostil.

Refazendo-se rapidamente, a Igreja firmou novas bases entendidas como o modelo religioso conhecido como neocristandade. Este pode ser datado de 1916 com a publicação da Carta Pastoral de D. Leme, atingindo seu apogeu de 1930 a 1945 quando Getúlio Vargas era presidente. Este modelo foi assim caracterizado por Mainwaring :

A Igreja permanece politicamente conservadora, se opondo à secularização e às outras religiões, e pregava a hierarquia e a ordem. Insistindo num catolicismo mais vigoroso e que se imiscuisse nas principais instituições e nos governos, as atitudes práticas das pastorais da neocristandade se diferenciavam das anteriores. Assim conseguia o que percebia como sendo os interesses indispensáveis da Igreja: a influência católica sobre o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo.²⁰

As práticas da Igreja podem ser entendidas como multiplicidades de articulações, onde visavam aproximá-la do poder público, objetivando ou o fortalecimento da própria Instituição, ou a possibilidade de promover transformações sociais.²¹

²⁰ MAINWARING, loc.cit. p. 41.

²¹ DELLA CAVA, Ralf . Igreja e Estado no Brasil do séc. XX . *Estudos Cebrap*, São Paulo, Ed. Brasileira de Ciência, n.12, p.5-52 , abr.-jun., 1975.

Mas também estão presentes nas práticas e no discurso católico, a percepção do mundo moderno como o reino de satanás, porque esse mundo minava a fé, e corrompia os homens, solapava os valores cristãos como a família tradicional e o respeito pela autoridade .

Esboça-se a crença dos sacerdotes católicos de permanecerem acima do mundo ao invés de terem nele uma atuação, rejeitarem práticas como o concubinato e a atividade política, ambas comuns na primeira metade do século XIX, e desde então, passaram a ser evitadas.

Ao mesmo tempo que o catolicismo buscava retomar os seus antigos privilégios no campo político, há uma preocupação voltada para a cristianização doutrinária da sociedade no combate aos males provenientes do liberalismo e do comunismo. Pelo que :

A nova missão da igreja era cristianizar a sociedade conquistando maiores espaços dentro das principais instituições e imbuindo todas as organizações sociais e práticas pessoais de um espírito católico...
... Se a Igreja não cumprisse sua missão, essas instituições iriam marchar rumo à perdição. A forma de influenciar a sociedade da Igreja da neocristandade era triunfalista. A Igreja queria " conquistar o mundo".²²

Há nesse momento, tanto uma tentativa da Igreja, enquanto organização, de buscar aproximação cada vez maior com o Estado. Talvez, alguns eclesiásticos pretendessem restabelecer regalias e privilégios perdidos, mas havia também, uma ação política da Igreja motivada pela ameaça representada pelo liberalismo e comunismo, inimigos não apenas materiais mas também espirituais.

²² MAINWARING, op.cit. p.46.

O liberalismo na medida que afastava os cristãos do mundo espiritual, abria as portas para o comunismo. Moraes aponta que a Igreja identificava

A revolta contra a hierarquia da autoridade, na família, na sociedade, no Estado; a desenvoltura dos assuntos relativos a Sexo (...); a mentalidade de aproveitamento máximo (...) de todos os requintes da volúpia, de todos os meios de enriquecimento, de todos os expedientes do conforto; o espírito de subordinação da mocidade aos ditames da antiga moral doméstica; o transvio das artes recreativas(...); a guerra ao espírito clássico, na instrução; o ódio à religião, o combate insidioso à Igreja Católica (...), a valorização dos costumes contrários à moral cristã (...).²³

A década de 20 inaugurou uma fase de reação ao tradicionalismo na sociedade, nas artes e na política. A Semana de Arte Moderna de 1922 e a eclosão do movimento tenentista, foram elementos importantes das mudanças que se processavam ao nível político e cultural. Mas , também o processo de Restauração do Catolicismo Brasileiro ganha impulso exatamente neste momento, com a fundação do Centro D. Vital, por Jackson Figueiredo, íntimo colaborador de D. Leme. Este instituto Católico exerceu grande influência no desenvolvimento da Igreja e na política, e sua criação visava a formação de uma *intelligensia* católica , oriunda das fileiras da classe média alta, capaz de fazer frente ao anticlericalismo, ao ateísmo e à indiferença religiosa das elites republicanas.

²³ MORAES Jr., D. Antônio de Almeida. *A Igreja e o comunismo*. Petrópolis: Vozes, 1962. p.42-43.

1.4. A romanização do catolicismo brasileiro e as origens do integrismo no Brasil

O integrismo se traduz em atitudes conservadoras a respeito de sua religião, contendo uma postura de radicalização de uma ideologia político-religiosa contra qualquer transformação que entre em choque com seus princípios. No caso católico, o integrismo estrutura-se à partir da segunda metade do século XIX, auge do embate entre o pensamento moderno-liberal, aceito por setores da Igreja e o catolicismo tradicional.

Para Torres²⁴ :

... esta maneira de pensar produz a convicção de que , sendo o pensamento da Igreja verdadeiro, e a verdade imutável, o ensinamento da Igreja deve ser imutável. Mais: a revelação sendo um fato histórico, uma vez dada, não poderia sofrer alteração. Por fim: a tradição a uma das fontes da verdade, é, naturalmente, o peso do passado sobre o presente. Tudo, enfim, concorre num ponto: as novidades são suspeitas, a palavra dos antigos é a expressão da verdade.

Segundo este autor, esta maneira de pensar não é recente, sendo percebida na Idade Média, quando Tomás de Aquino “ faz uma releitura da filosofia Aristotélica de acordo com as “ necessidades católicas “. Para o integrismo, nada pode ser mudado sob pena de se ferir a substância dos dogmas ampliando-se o conservadorismo para o uso do latim, o Tomismo, o horário das missas, além da crença na Santíssima Trindade.

Outra característica do integrismo , segundo Torres²⁵ é a crença no caráter catastrófico da História, pois o pecado original introduzindo o mal na

²⁴ TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil: A Igreja e a sociedade brasileira*. São Paulo: Grijalbo, 1968.p.219.

humanidade, inicia a própria história humana . A redenção seria uma catástrofe, pois, e filho de Deus precisou morrer para haver uma ressurreição gloriosa. Assim, a história assume um espírito pessimista, melhor percebido na “Ordem Medieval”, onde cada um tem o seu lugar e seu papel na sociedade. Caberia à nobreza fazer com que os homens obedecessem a Deus, pela espada e ao clero, orar pela redenção da humanidade e aos camponeses, trabalhar para o bem comum. Tudo corria na mais perfeita harmonia até as manifestações satânicas que culminaram com a Reforma, o Renascimento, a Revolução Francesa e o Socialismo.

Para o integrista Oliveira,²⁶ a Revolução é o mal e a contra-revolução é o restabelecimento da verdade, porque a história moderna seria a progressiva satanização do mundo.

Portanto, esta visão de satanização do mundo vai existir desde que a Igreja se sinta ameaçada por mudanças que coloquem em perigo a “ordem existente”. Tal preocupação com as “legiões do mal” é evidenciada na maior parte das encíclicas do século XIX, tais encíclicas continuam sendo utilizadas pela ala conservadora ou integrista da Igreja, bem como, pelos seus colaboradores laicos no século XX.

Para Antoine²⁷, o integrismo brasileiro, tem sua origem no movimento de renovação católica inaugurado em 1919 por Jackson de Figueiredo, até então um agnóstico que converte-se ao catolicismo, e passa a ser um símbolo entre o início de uma reconciliação entre a fé e a intelectualidade. Jackson lança em 1921, com um

²⁵ Ibid.

²⁶ OLIVEIRA, Plínio Correa de . *Revolução e Contra-Revolução*. São Paulo : Vera Cruz , 1959.

²⁷ ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

pequeno grupo de católicos, Hamilton Nogueira, Perilo Gomes, José Vicente de Souza e Durval de Moraes, a Revista *A Ordem*. Para Moura²⁸.

Revista que aspirava “ ter um lugar entre as publicações mais radicadas à doutrina da igreja católica Apostólica Romana” . A “ modestíssima revista” não pretendia ser nem oficial nem oficiosa da igreja, mas obediente à autoridade eclesiástica, “ sinal distintivo do verdadeiro católico”. No Editorial do primeiro número, os fundadores fazem-se responsáveis pelo ataque que dela partiu contra os erros e até contra “ os próprios católicos que, em grande maioria, adotaram, no Brasil, todas as sutilezas do mais nefando espírito acomodaticio”. O espírito que insuflava a publicação, identificado com a mentalidade do líder do grupo- personalidade que naturalmente se impunha a todos pelos dotes de franqueza, lealdade, dedicação, combatividade, inteligência e bondade de que era enriquecida-estava revelado no próprio nome : espírito de ordem, de obediência à autoridade e de justiça.

A Ordem mostra-se coerente com seu nome, ao condenar qualquer manifestação contra o sistema estabelecido, como é o caso do combate ao movimento tenentista. Segundo Jackson de Figueiredo, a revista tinha “ caráter acentuadamente nacionalista, dentro de seu programa de catolicismo integral²⁹ “.

Ampliando a atuação e com a finalidade de recatolizar a intelectualidade brasileira, foi fundado em 1922 o Centro D. Vital, tendo Jackson de Figueiredo como seu presidente perpétuo recebendo o total apoio do Cardeal D.Leme . Após a morte de Jackson de Figueiredo, assume a direção do Centro, Alceu de Amoroso Lima, dando continuidade ao engajamento da intelectualidade à causa católica.

²⁸ MOURA, Odilão . *Idéias Católicas no Brasil* direções do pensamento católico do Brasil no século XX. São Paulo : Convívio, 1978.p.119.

²⁹ *Ibid.*p.120.

1.5. A efervescência política da década de 30 e as práticas católicas

A década de 30 marcou o ápice da reaproximação da Igreja com o Estado. Por ocasião do movimento de outubro de 1930, o presidente Washington Luís se retirou do Palácio do Catete após uma conversa com D. Leme e saiu escoltado pelo próprio Cardeal, com o que se evitava um banho de sangue e, ao mesmo tempo, D. Leme demonstrava desde o início sua disposição em colaborar com o novo regime:

Naquele momento histórico, a hierarquia católica, tanto em Roma, quanto no Brasil, entendia que o melhor meio de afastar os perigos da modernidade (liberalismo, democracia, etc.) de combater o comunismo e de recristianizar a sociedade, era fazer aliança com as ditaduras de direita, como o fascismo na Itália, o franquismo na Espanha, o Getulismo no Brasil, etc.³⁰

Para Della Cava,³¹ o vazio político gerado pela Revolução de 30 transformou a Igreja numa força social absolutamente indispensável ao processo político.

No ano de 1931, D. Leme mobilizou uma grande massa de fiéis, em primeiro de maio, sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida, e em outubro, em homenagem ao Cristo Redentor. A presença religiosa assegurava a mobilização das massas em datas importantes para a consolidação do novo regime, comemorava-se o Dia do Trabalho, maio é o mês consagrado a Maria e Outubro é o mês da chegada do Catolicismo na América. Durante a inauguração da estátua do Cristo

³⁰ MANOEL, Ivan A. D. Antônio de Macedo Costa e Rui Barbosa : a Igreja Católica na ordem republicana brasileira. In *Pós- História* , Assis, v.5 : 67-81, 1997.p.79.

³¹ DELLA CAVA, Ralf . Igreja e Estado no Brasil do séc. XX . *Estudos Cebrap*, São Paulo, Ed. Brasileira de Ciência, n.12, p.5-52 , abr.-jun., 1975.

Redentor , D. Leme cercado por uma multidão, estipulou o preço do apoio da Igreja : " ou o Estado ... reconhece o Deus do povo ou o povo não reconhecerá o Estado" . Getúlio Vargas habilmente procurará buscar uma aproximação com a Igreja como forma de consolidar e até mesmo justificar ideologicamente seu poder .

Embora a separação entre o Estado e a Igreja fosse formalmente mantida, Della Cava aponta três conquistas importantes para o catolicismo consagradas pela Constituição de 1934 : o casamento religioso foi inteiramente reconhecido pela lei civil e o divórcio foi proibido; foi facultada a educação religiosa em escolas públicas durante o período de aulas ; foi permitido ao estado financiar escolas da Igreja, seminários, até hospitais e quaisquer outras atividades e instituições relacionadas e legalmente designadas como de " interesse coletivo" ³².

Para conseguir tais conquistas, D. Leme contou com as organizações de católicos leigos que na década anterior ele próprio já havia estruturado , e das quais as mais importantes eram a LEC (Liga Eleitoral Católica) , a ACB (Ação Católica Brasileira) e os Círculos Operários. A LEC foi criada visando orientar os católicos para que apoiassem e votassem em candidatos católicos cujos programas apoiassem a Igreja e a doutrina católica. A ACB tinha a finalidade de " estabelecer o Reino Universal de Cristo " , apesar de não ter em suas origens conotação política, porém , sempre se destacou pelo combate ao comunismo encarado pelos seus membros como o Reino de Satanás .

Durante o Estado Novo, Igreja e Estado compartilham o ódio ao comunismo. Ao mesmo tempo que Vargas reprime a Intentona Comunista de 1935,

³² DELLA CAVA, op.cit.,p.15.

apóia o ativismo religioso na área do sindicato de trabalhadores, mantendo nos sindicatos uma constante " vigilância " contra o comunismo.

1.6. A simbologia católica na legitimação do Estado Novo

Segundo Lenharo , os símbolos religiosos católicos foram amplamente utilizados durante o Estado Novo para legitimar a política de cooperação entre as classes apregoada pelo regime instituído. Daí

No mundo do trabalho, a despeito de ser atacada como símbolo de consolo e alienação pelos anarquistas e agnósticos em geral, que razão teria levado autoridades a entronizarem a imagem de cristo nas fábricas paulistas, senão a de atrair a ira dos opositores, exorcizá-la, aprofundando o sentimento de identificação com a imagem do crucificado? ³³

Em 1942 atendendo a um pedido do arcebispo de São Paulo, a FIESP introduziu o crucifixo nas fabricas, porque a cruz, segundo o pensamento empresarial da época, serviria para lembrar o espírito de cooperação entre as classes e a fraternidade cristã. Roberto Simonsen entendia que a FIESP através da entronização da cruz nas fábricas tinha " *a obrigação de promover o bem- estar físico e moral do operariado, procurando ainda, estreitar os laços que prendem patrões e empregados.* " ³⁴

A cruz representaria ainda a própria trilogia cristã da fé, esperança e caridade, atributos necessários para o aperfeiçoamento humano. Para a Igreja, no entanto a cruz serviria como um " marco " sempre presente no espaço de trabalho

³³ LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.

³⁴ LENHARO, op.cit.,p.171.

lembrando o caminho espiritual e porque não terá uma conotação política, todos deveriam segui-la.

De outro lado, a cruz tem servido no discurso católico para explicitar a localização política da religião em relação às posições políticas que se encontram à sua direita e à sua esquerda. Antes de agonizar, Cristo dialogou com o " bom " ladrão, crucificado à sua direita, que o ouviu e aceitou sua palavra mas o " mau" ladrão da esquerda recusou-se ao diálogo e ao perdão oferecido. De modo geral, as reações do ladrão da direita e do ladrão da esquerda têm sido generalizadas para se explicar a situação da Igreja em relação às posições políticas vigentes.³⁵

Nessa época, florescem também idéias acerca de um socialismo cristão, fundado na ajuda mútua, ou seja no cooperativismo, uma espécie de "o santo comunismo", conforme proposto nas encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno* . A própria política social do regime procurava fazer transparecer uma preocupação do Estado em restaurar a dignidade do trabalhador brasileiro.

Era particularmente na doutrina social da Igreja que a fé cristã retirara a sua principal fonte de energia ; da doutrina social também os apologistas da terceira saída sacavam sua cartada decisiva para fazer "brecar a torrente socialista".³⁶

Tais práticas políticas entraram em decadência juntamente com o fim do intervencionismo estatal estadonovista, porém, a simbologia católica continuou permeando o imaginário do operariado representando a luta contra os perigos do comunismo.

³⁵ LENHARO, op.cit.,p.172.

³⁶ LENHARO, op.cit.,p.179.

Apesar das mudanças pelas quais passou a Igreja Católica brasileira de 1945 a 1960, boa parte desta simbologia utilizada para aproximar a Igreja do Estado e assegurar a defesa contra o comunismo, " o inimigo comum" , esteve presente nas principais ações da Igreja no início dos anos 60.

No dia em que a massa dos católicos brasileiros souber como a Igreja pensa de tudo e abraçar o pensamento, a doutrina católica como sua atitude pessoal, estará dado o primeiro passo para a reconstrução da Cristandade.

D. Sigaud

CAPÍTULO 2 – DOM GERALDO SIGAUD E A NEOCRISTANDADE

2.1. A neocristandade tardia da diocese de Jacarezinho

A neocristandade, termo utilizado para designar o conjunto de práticas e estratégias católicas surgidas, segundo MAINWARING¹, à partir da Carta Pastoral de 1916 de D. Sebastião Leme, na época Cardeal Arcebispo do Recife, propunha recatolicizar o Brasil. D. Leme apegou-se ao “ mito da maior nação católica do mundo “, que seria o Brasil por “ vocação” e por “ tradição “, e caberia aos setores mais “ conscientes “ da Igreja e do laicato se organizar no sentido de fazer frente a este desafio ocorrido, num primeiro momento pela união Estado-Igreja e que acabou estabelecendo características brasileiras ao catolicismo, e após a proclamação da república, com a inclinação para as idéias liberais, positivistas e mais tarde, comunistas.

O período do apogeu da neocristandade foi a primeira Era Vargas ou seja, o período que se estende de 1930 a 1945 quando D. Leme consegue uma clara aproximação com o Estado conquistando algumas “ vantagens “ para a Igreja Católica, até então oficialmente inéditas desde a Proclamação da República. No entanto, após a morte de D. Leme, poucos bispos continuariam a empreitada por ele proposta. A partir do final dos anos 50 e principalmente, durante a década de 60, após o Concílio Vaticano II, a recém criada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, vai cada vez mais orientar os bispos para “ novas diretrizes pastorais” . Estas serão mais de acordo com a realidade da Igreja Latino-americana, e esta tendência

¹MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil : 1916 – 1985*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

cristaliza-se mais tarde em Medellín e Puebla . Alguns bispos porém, insistiram na visão tomista proposta pela neocristandade a respeito da missão da Igreja, como foi o caso de D. Geraldo Sigaud . Embora o mesmo não tenha insistido em lutar até as últimas consequências contra as decisões do Concílio, como fez seu amigo e colaborador o tradicionalista bispo de Campos D. Antônio de Castro Mayer, enquanto intelectual fez sua interpretação das decisões do Concílio e opôs-se à noção de ecumenismo que, segundo ele, seria o primeiro passo para a adesão de muitos católicos às idéias comunistas.

Geraldo de Proença Sigaud nasceu em Belo Horizonte, aos 26 de setembro de 1909, tendo sido o primeiro sacerdote ordenado da nova capital mineira, e também, o primeiro Bispo eleito, nascido em Belo Horizonte . Segundo GONÇALVES², era de família tradicional , filho de um comerciante e ex-fazendeiro chamado Paulo da Nóbrega Sigaud. Seu avô, também fazendeiro e exportador de café para a França, era filho do Dr. Joseph François Xavier Sigaud, médico francês que viveu no Brasil no início do século XIX, e um dos responsáveis pela fundação da Academia imperial de Medicina e do Instituto Imperial dos Meninos Cegos. Esta breve exposição de sua genealogia e sua formação cultural permite entender alguns posicionamentos político-religiosos posteriores.

Dom Sigaud fez seus estudos primários na capital mineira, entrando a seguir, na congregação do Verbo Divino cursando filosofia. No término do curso, foi enviado à Roma onde se doutorou em teologia pela Universidade Gregoriana em 1932. Foi em Roma que Sigaud foi ordenado sacerdote. A seguir, atuou como

² GONÇALVES, Luiz Felipe. *Sigaud o pintor dos operários*. [Rio de Janeiro] : Edibrás , 1981.

professor de teologia em Santo Amaro (SP)³, tendo sido professor da faculdade *Sedes Sapientiae*. Foi sagrado Bispo de Jacarezinho (PR) em 1º de maio de 1947. No dia 4 do mesmo mês, tomou posse da vastíssima diocese do Norte Pioneiro do Paraná, na época, uma das maiores do país, somando mais de dois milhões de habitantes.⁴

O Norte do Paraná ainda estava em processo de ocupação e a cidade de Jacarezinho havia se tornado uma das rotas de entrada para as nascentes regiões cafeeiras. Fundada em 1900, Jacarezinho dentre as cidades da região, já contava com algumas famílias tradicionais, a maioria de origem mineira, latifundiários e descendentes de coronéis que na república velha disputavam a hegemonia política local. Era uma comunidade que seria bem receptiva às idéias do Bispo Sigaud no tocante a questões políticas e sociais, como veremos adiante.

Em sua Pastoral de Saudação⁵, Sigaud deixa claro que não aceitaria o isolamento na diocese de Jacarezinho, Para ele :

A diocese de Jacarezinho em que viveis, irmãos diletíssimos, não deve ser considerada como uma região isolada que possa realizar sua vida à parte, como um Tibet ou uma China de outrora acurralada detrás de sua legendária muralha, mas como uma parte da nação brasileira que sobre ela exerce uma influência poderosa e dela espera uma contribuição pequena, mas generosa⁶.

É sobre esta visão de que teria de contribuir de certa forma para a nação, ainda que assumindo uma diocese tão isolada, que o bispo irá assentar suas estratégias ao longo dos anos que permanece em Jacarezinho. Para ele, tal como o Corpo Místico de Cristo é indivisível assim em cada fiel e em sua diocese se

³Síntese dos 20 anos de atividades culturais da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho-PR. Jacarezinho : FAFIJA, 1980.p.46.

⁴ loc.cit.p.46.

⁵ SIGAUD, Geraldo de Proença. *Pastoral de Saudação*. São Paulo [s.n.] : 1947.

⁶ Ibid. p. 7

“exerce a influência de todo o corpo da Nação, tanto nas horas de prosperidade como nos momentos de luta, tanto em dias claros como em tardes sombrias”.⁷ Esta posição determinaria seu posicionamento ao longo de seu bispado, e seria confirmada por suas atitudes e sua atuação frente à diocese. Deste modo, numa carta pastoral escreve detalhadamente sua visão a respeito da Igreja, e seu projeto enquanto bispo da diocese e a saudação às autoridades. Em cada parte da carta, seu texto procurará “defender” os princípios da neocrisandade e da romanização, mostra ainda uma visão de mundo tomista e medieval condenando veementemente o comunismo entendido como um reflexo dos males da modernidade.

Embora a região parecesse economicamente promissora na década de 40, em virtude da cafeicultura, o isolamento da diocese em comparação com outras tantas no interior do país era evidente. Como se vê na pastoral, o bispo anuncia a contribuição a ser dada ao restante da nação, e esta “contribuição” virá 14 anos após com a posição que Sigaud assume frente às deliberações do Concílio Vaticano II e mais tarde, nas obras que publica sobre a Reforma Agrária e o Comunismo, de forte tendência integrista.

Utilizando-se da Epístola de Paulo aos Coríntios capítulo 12 versículos 13 a 27, sobre o “corpo místico de Cristo”, argumentava que :

Nenhum bispo pode se desinteressar pelo que passa no conjunto das dioceses a que pertence a sua, não só pelo vínculo de caridade que deve unir entre si todos os membros do Corpo Místico de Nosso Senhor, senão também por aquela misteriosa e palpável reciprocidade que há entre os membros deste organismo, “pois que nós fomos batizados em um Espírito e dentro de um Corpo, tanto o Judeu como o Gentio, o servo como o livre: E todos fomos desalterados com a água de um só espírito. É claro que o corpo não é um membro só, mas muitos membros. Se o pé argumentasse:- “Eu não sou mão, logo não pertencço ao corpo :com isto deixaria de ser parte do corpo? E se um dia a orelha dissesse:- Eu não sou

⁷ SIGAUD, Geraldo de Proença. *Pastoral de Saudação*. São Paulo [s.n.] : 1947. p.8

olho:- logo não sou parte do corpo-porventura deixaria de ser parte do corpo?-pensai:se todo corpo fosse olho-onde ficaria o ouvido?Se todo fosse ouvido, onde ficaria o olfato?...Logo, concluímos que os membros são muitos e todos fazem o corpo que é um . E não pode o olho dizer à mão:-não preciso de teus préstimos; nem a cabeça poderá dizer aos pés:-não tenho necessidade de vós.-Se sofre um membro todos os outros sofrem juntos; quando um membro passa bem, todos compartilham seu bem estar. E vós? Sois o Corpo de Cristo, e sois membros de seus membros .⁸

A doutrina do Corpo Místico de Cristo será constantemente utilizada para justificar as desigualdades sociais e condenar as lutas de classe, já que cada parte que se rebela “ todo o corpo padece “ .

A alusão ao Corpo Místico de Cristo pode ter sido inspirada na Encíclica *Mystici Corporis* de Pio XII, uma vez que a mesma afirma que a Igreja é o corpo de Cristo : Cristo é o fundador e a cabeça desse corpo. Assim :

“Não se julgue que seu governo se limita a uma ação invisível, ou extraordinária . Ao contrário, o divino redentor governou o seu corpo místico de modo visível e ordinário por meio de seu vigário na terra” .⁹

É muito significativa a adoção da doutrina do Corpo Místico de Cristo em sua pastoral de saudação, uma vez que caberia ao Papa governar esse corpo e , segundo a Encíclica :

Os bispos não só devem ser considerados como membros mais eminentes da Igreja Universal, pois que se unem com nexos singularíssimo à cabeça de todo o corpo, e com razão se chamam” os primeiros dos membros do senhor”, mas nas próprias dioceses, como verdadeiros pastores, apascentam, e governam em nome de Cristo os rebanhos que lhes forem confiados.¹⁰

⁸ SIGAUD, Geraldo de Proença. *Pastoral de Saudação* . São Paulo [s.n.] : 1947.p.07-08.

⁹ Pio XII. *Mystici Corporis*. Roma, 1943. p.9 disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_290619....> Acesso em 7 set.2005.

¹⁰ PIO XII, op.cit. p.10

A alusão ao corpo humano enquanto sistema de sustentação política não era novidade. Para LENHARO¹¹ teóricos como Hobbes, Rousseau e Comte, se utilizaram dessa metáfora para justificar os mecanismos de dominação social. Esta colocação da diocese como parte do Corpo Místico de Cristo e, ao mesmo tempo, como parte do corpo da nação, pode representar um posicionamento que sugere uma participação direta da Igreja na política, influenciando e sendo influenciada por esta, "tanto nas horas de prosperidade quanto nos momentos de luta"¹². A atuação do Bispo junto aos fiéis vai confirmando esta possibilidade. Em sua primeira reunião com os párocos da diocese determina que :

"Após todas as missas dominicais se rezem de acordo com as rubricas as orações de Leão XIII, precedidas das seguintes fórmulas : Rezemos pela conversão da Rússia e pela derrota mundial do comunismo " ¹³

Para o bispo, além de uma luta contra um regime político hostil à religião, havia uma luta contra o próprio Satanás. Para ele,

No momento presente a Igreja, nossa Santa Mãe. Atravessa na Europa gravíssimos perigos e a própria pessoa do Santo Padre se vê ameaçada pelas hordas comunistas a serviço de Moscou e dos patrões que dominam e manejam a máquina do comunismo¹⁴.

O período de 1945 a 1970 foi uma época de acentuada " mudança global " , ou seja , além da bipolarização ideológica do mundo, temos um avanço tecnológico fantástico que alcançará todos os setores da sociedades e todas as classes sociais, independentemente do status financeiro de cada pessoa. Num primeiro momento, isto é sentido pela disseminação da comunicação de massa como o rádio e o cinema e no final dos anos 50 da televisão. Tais veículos de

¹¹ LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.p.139-143.

¹² SIGAUD, Geraldo de Proença. *Pastoral de Saudação*. São Paulo [s.n.] : 1947.p.08.

¹³ Livro de circulares da Diocese de Jacarezinho. V.1. p.7

¹⁴ Ibid,p.7.

comunicação ajudaram as empresas norte-americanas a inserir aos poucos o *american way of live* como uma filosofia de vida a ser seguida. Não se tratava porém exportar a ideologia puritana nos moldes weberianos (como uma ética da austeridade e do trabalho) , mas sim, de um modo de vida onde se valorizava o consumismo e o prazer de viver. É fato que tal estilo de vida tinha pouco a ver com o grosso da sociedade brasileira, acostumado a estar à margem do progresso social e econômico. As pessoas mais abastadas aos poucos vão se rendendo a este novo estilo de vida incentivado por uma propaganda cada vez mais agressiva no pós-guerra. A Igreja da neocristandade havia feito uma opção pela elite e era justamente esta elite a mais afetada pelos “ novos tempos” . Na verdade, a crise da era moderna estava se transformando em algo mais assustador, uma verdadeira encruzilhada para os setores mais conservadores da Igreja que ainda não tinham percepção de como lidar com os novos tempos. O estupor por esta situação é perceptível em documentos de algumas associações de leigos da época, como por exemplo, as atas das reuniões das Congregações Marianas. Nelas se revela um verdadeiro horror aos bailes de carnaval e aos cinemas, considerados todos estes “perigos” como um sinal da falta de religião e da proliferação de idéias nocivas ao “verdadeiro cristianismo“. De modo que o “carnaval, festa esta terminantemente proibida pela Igreja. Diversão que só os homens de pouca fé podem compartilhar, criaturas que nem em um momento sequer pensaram na justiça divina”¹⁵.

O temor pelos reflexos dos “ novos tempos” na vida dos fiéis já ocorria há muito tempo dentro da Igreja da Neocristandade. A diversidade religiosa e ideológica causava uma preocupação cada vez maior assim , durante as reuniões das Congregações marianas dizia-se :

¹⁵ Livro de ata da Congregação Mariana de Quatiguá . V.1. p. 8.

Os espíritas com suas loucuras, os ateus, os materialistas, maçons, comunistas, os naturalistas, todos com idéias diferentes, acham que Jesus Cristo existe, mas é desnecessário, é ópio é veneno e deve ser banido, tirado das maçãs (sic) cristãs.¹⁶

Ao mesmo tempo que havia a disseminação deste novo estilo de vida e o avanço nos meios de comunicação, colocando em risco a influência dos sacerdotes católicos sobre a população, havia um agravamento da situação da Igreja no Brasil perceptível no número cada vez menor de sacerdotes ordenados. As “seduções do mundo” faziam frente aos interesses institucionais, novas opções de profissão iam surgindo e o sacerdócio vai deixando de interessar às classes mais abastadas, Della Cava¹⁷, chama a atenção que a origem de classes era um importante fator de “vocação”. Quando os seminários não eram gratuitos, a maioria do clero era proveniente de famílias abastadas. Esta situação foi se alterando ao longo do século XX mas, as transformações sociais acabaram levando a uma crise mais ampla no sacerdócio. Percebia-se que :

Enquanto o status social do sacerdócio se manteve alto, pôde competir razoavelmente com outras ocupações possíveis abertas aos mesmos estratos sociais.

O avanço da sociedade industrial no Brasil (e da sociedade “ pós-industrial” na Europa Ocidental e na América do Norte) vem alterando rapidamente o quadro acima. Mais ainda, a educação pública a baixo custo está mais disponível, enquanto novas alternativas ocupacionais tornam o sacerdócio menos atraente. Com exceção dos filhos homens de grandes famílias rurais – que formam mais de 50% do Clero brasileiro hoje – o número de candidatos ao sacerdócio está em franco declínio¹⁸.

Num panorama de demanda crescente por sacerdotes, aliado ao declínio pela procura por esta “vocação”, Dom Geraldo funda o Seminário Menor Diocesano num projeto que envolveu a compra de uma fazenda, que será cuidada pelos próprios seminaristas. Ao longo das próximas décadas, a origem dos

¹⁶ Ibid. p.63.

¹⁷ DELLA CAVA, Ralf . Igreja e Estado no Brasil do séc. XX . *Estudos Cebrap*, São Paulo, Ed. Brasileira de Ciência, n.12, p.5-52 , abr.-jun., 1975.

¹⁸ DELLA CAVA, loc.cit..

sacerdotes mudaria substancialmente, prevalecendo no seminário diocesano, candidatos ao sacerdócio de origem humilde cujos pais não teriam a menor condição de proporcionar a mais básica escolaridade. Estas crianças eram educadas para a religião e também para o trabalho. Desde a infância enfrentavam alguma forma de trabalho no campo , condição para permanecerem no seminário .

2.2. A religiosidade leiga acaba sendo minada pelos encantos do pós-guerra

Acompanhando o processo de urbanização-industrialização dos anos 50-60 , ocorre um crescimento de credos alternativos. Neste processo, é importante compreender que a mudança do campo para as cidades gerava uma insegurança muito grande nas famílias humildes que enchiam os bolsões de pobreza das cidades como São Paulo e Rio de Janeiro . Não se sentindo à vontade para freqüentar às missas disputadas por pessoas da alta sociedade, acabavam procurando outras alternativas religiosas, muitas delas mais em consonância com os anseios populares. O pentecostalismo protestante acaba ganhando cada vez mais adeptos uma vez que há um distanciamento entre o Catolicismo Popular principal fonte de fiéis para o pentecostalismo protestante e o catolicismo da neocristandade. Do modo que ,

Além do fator urbanização-industrialização, o sucesso do pentecostalismo pode ser explicado por dois outros fatores. O mais óbvio deles é que a religião original do imigrante, a saber, o catolicismo popular, facilita sua presteza em aceitar a mensagem da nova fé centrada em Cristo. Menos óbvio é o papel da contradição na conversão. O pentecostalismo se apresenta como uma contradição básica do catolicismo: enquanto a estrutura deste se estriba no clero, a daquele repousa nos leigos; um dá ênfase ao celibato, o outro ao casamento; um é hierárquico, o outro comunitário; um apresenta graus, o outro é igualitário. Evidencia-se, a partir disto, que a conversão individual se aproxima da realização

experimental de importante princípio pedagógico, articulado por Paulo Freire: a contradição é a práxis da libertação. Mais interessante ainda é notar que este processo, entre migrantes nordestinos analfabetos e pobres, ocorre “espontaneamente”, sem ajuda (e sem impedimento) de patrões, burocratas ou intelectuais.¹⁹

Os projetos da Igreja da neocristandade acabam se esvaziando na medida que não foram capazes de se adequarem a uma realidade sócio-cultural que de certa forma representava uma ruptura com a “ordem” buscada . Parte do clero vai compreender os “novos tempos” e buscar alternativas para lidar com esta situação. A criação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) foi importante neste contexto. Uma minoria conservadora de bispos continuaria a temer qualquer mudança na Igreja ou negar a fazer qualquer concessão aos “modernistas”. Sem dúvida , D. Geraldo Sigaud era um dos mais intransigentes representantes desta ala .

A acentuação das mudanças ocorre também no plano internacional, com o acirramento da guerra-fria, enquanto no plano interno, tem-se a reorganização dos movimentos populares, a despeito da restrição constitucional ao registro do Partido Comunista Brasileiro.

Neste contexto, as práticas religiosas de Sigaud vão buscar um estreitamento entre o bispado, o clero e os fiéis. O culto à Virgem Maria é fortalecido pelo apoio dado pelo Bispo às Congregações Marianas . Isto é importantíssimo na busca do sagrado, na tentativa de fazer frente ao “mundanismo” proveniente das “novas idéias ”.

Em 1947, Jacarezinho já possuía dois colégios católicos, o Colégio Cristo Rei, controlado pelos padres Palotinos visando à educação de meninos e o Colégio Imaculada Conceição, para meninas, controlado pelas Irmãs

¹⁹ DELLA CAVA, op.cit. p. 28.

de São Vicente de Paula. Os dois colégios contavam com alunos das mais diversas procedências tanto do sul de São Paulo quanto de todo o Norte do Paraná. Eram, locais oportunos para propagação da doutrina católica na formação cultural da população regional.

No imaginário dos jacarezinhos, sua cidade havia se transformado numa referência cultural. Perspectiva esta que será alimentada por Sigaud, a partir de seu posicionamento religioso e do seu incentivo à educação católica.

O bispo era ligado ao grupo de intelectuais que articularam a criação da TFP (Tradição, Família e Propriedade). Dessa ligação resultou o livro “ Reforma Agrária Questão de Consciência”, onde se condena energicamente a reforma agrária pregada pela esquerda, e onde se analisa a questão fundiária sob o ponto de vista integrista. Propaga-se, também, a luta contra o comunismo, através do livreto “Catecismo Anticomunista”, publicado várias vezes até o Golpe de 1964. Dessa forma :

O anticomunismo também foi objeto de discussão e de pregação por parte da Tradição , Família e Propriedade – TFP – criada em 1960 por Plínio Correia de Oliveira , que tinha um curriculum de muitos serviços prestados à Igreja e ao movimento Integralista . A TFP era uma organização civil anticomunista que tinha como objetivo primordial combater a vaga do socialismo e do comunismo e ressaltar, a partir da filosofia de Santo Tomás de Aquino e das Encíclicas, os valores positivos da ordem natural, particularmente , a tradição, a família e a propriedade²⁰

Diante desta perspectiva anticomunista e anti-reformista, talvez o bispo tivesse um projeto mais amplo quando em 1959, articulou a criação da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho. O que chama a

²⁰ BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (Coord.). Plínio Correa de Oliveira. In: Dicionário Histórico-biográfico Brasileiro(1930-1983). São Paulo: Forense Universitária/Finep/FGV, 1984, v.3.p.2443.

atenção em termos históricos é o fato de que, exatamente naquele momento histórico, de luta entre os “defensores do bem” e da Igreja, (como a ala conservadora se intitulava) , contra a proliferação das idéias comunistas, associadas freqüentemente às “legiões satânicas” (comunistas, socialistas e modernistas), funde-se uma Instituição de Ensino Superior com o objetivo de formar professores para as Escolas da região. Em sua pastoral de saudação o bispo ressalta que : “A primeira parte de nosso programa, amados irmãos, que terá sobre as demais uma certa precedência de tempo, como a tem na ordem lógica, é a conquista das inteligências para a doutrina católica, as idéias construtivas do catolicismo.”²¹

A chamada conquista das inteligências se faria segundo ele, num primeiro momento com o catecismo, logo após, transmitindo aos adolescentes e aos “homens” a “doutrina católica total”, para que “pensem de tudo como pensa a Igreja”,. Assim conclui : “No dia em que a massa dos católicos brasileiros souber como a Igreja pensa de tudo e abraçar o pensamento, a doutrina católica como sua atitude pessoal, estará dado o primeiro passo para a reconstrução da Cristandade”²².

A relação entre o demônio e o comunismo foi estabelecida pelo próprio D. Geraldo Sigaud, em 1963 em seu livro *O Catecismo anticomunista*²³. Esta obra contém 102 perguntas com as devidas “respostas” sobre o comunismo. Já na resposta à primeira questão , “ O que é comunismo ? ” , o autor utiliza-se da imagem do diabo : “O comunismo é uma seita internacional que segue a doutrina

²¹ SIGAUD, Geraldo de Proença. *Pastoral de Saudação* . São Paulo [s.n.] : 1947.p.30.

²² Ibidem.,p. 30.

²³ SIGAUD, D. Geraldo de Proença. *Catecismo anticomunista*. 3.ed. São Paulo: Vera Cruz, 1963.

de Karl Marx e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e no evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo...”²⁴

2.3. O discurso conservador católico no embate ideológico pré golpe

O período 1960-1964 foi um dos mais conturbados da história política de nosso país. Frequentemente é estudado como sendo extremamente controverso. De um lado, há o desenvolvimento de movimentos populares como as Ligas Camponesas do Nordeste, a luta antiimperialista e a ampliação da margem de ação dos sindicatos com a criação do Comando Geral do Trabalho e de outro lado, existe a consolidação dos interesses estrangeiros no Brasil, e a aproximação das elites com quaisquer grupos que pudessem fazer frente às crescentes reivindicações populares. Na diocese de Jacarezinho, surgem vários elementos que contribuiriam para a disseminação de uma doutrina que resguardasse os interesses da direita e tivesse uma aceitação em nível nacional, atacando dentre outras questões a reforma agrária, em defesa ao direito da propriedade e da manutenção das desigualdades sociais, tidas como algo natural advindo da vontade divina.

No período de redemocratização do país (1945-1964), a discussão em torno da questão social, particularmente no tocante à Reforma Agrária foi sendo cada vez mais frequente. Notam-se, nas fontes relativas ao período, constantes referências a este tema, seja em discursos, jornais, revistas, livros ou projetos de lei. A historiografia, no entanto, privilegiou análises que enfocaram mais a luta pelas reformas sociais e a posterior repressão a estes movimentos particularmente após o Golpe de 1964. Percebe-se que a própria legitimação do Golpe, além do uso da

²⁴ SIGAUD, op.cit., p.5.

força, envolveu o apoio da classe média brasileira, fundamental para seu triunfo. Houve uma “preparação” ideológica por parte de setores mais conservadores da sociedade, dentre eles, uma ala considerável da Igreja Católica ainda vinculada à Igreja da neocrisandade²⁵ proposta por D. Leme e mais próxima de uma proposta integrista, que rivalizava com setores mais abertos às transformações mundiais.

A famosa “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, reunindo mais de trezentas mil pessoas na Praça da Sé, em São Paulo, foi decisiva para demonstrar o apoio da classe média ao Golpe Militar que estava para ocorrer²⁶. Embora, uma parcela da multidão estivesse ali devido ao forte apelo dos meios de comunicação, muitos controlados por políticos de oposição ao governo Goulart, não se deve menosprezar o papel dos setores tradicionais da Igreja na “preparação” do povo para enfrentar a “ameaça comunista”.

Uma amostra deste “projeto integrista” foi a publicação do livro *Reforma Agrária questão de Consciência em 1960*, no qual, D Geraldo Sigaud foi co-autor, a obra vendeu 39.000 exemplares em 7 edições²⁷, e representa uma mostra das idéias que norteavam o “projeto de reforma agrária cristã” das pessoas ligadas a este conservadorismo da Igreja. Nele, questionam-se as propostas de reforma agrária vigentes como sendo uma tentativa de se implantar o comunismo no Brasil propondo-se uma “reforma agrária” baseada nas encíclicas sociais.

Antoine²⁸ anota que este livro foi difundido, a partir de 1961, junto às portas das igrejas, dos seminários e às pessoas mais influentes de cada comunidade. Nesse período, os autores do livro foram responsáveis por uma petição

²⁵ D. Leme propunha uma maior participação do leigo na defesa dos interesses da Igreja, sobretudo dos intelectuais e da classe média. Sobre a Carta Pastoral de 1916 ver : VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.p.78-86.

²⁶ BASBAUN, Leôncio. *História Sincera da república*. São Paulo: Fulgor, 1968, v.4.

²⁷ MACHADO, Antonio Augusto Borelli (Coord.) *Meio século de epopéia anticomunista-Coleção tudo Sobre a TFP*.2.ed.São Paulo: Vera Cruz, 1980.

²⁸ ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.p.28.

de 27.000 agricultores dirigida ao Congresso Nacional pedindo uma reforma agrária conforme os princípios defendidos em “ *Reforma Agrária Questão de Consciência*”. Para Antoine, além de protestar contra o projeto de reforma agrária proposto por Goulart, os integristas , incluindo-se aí o Bispo Sigaud, teriam partido mesmo para a sublevação civil e militar contra o governo. Para isso, foram de fundamental importância as organizações femininas da alta sociedade dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Um primeiro conflito envolvendo estas organizações ocorreu em fevereiro de 1964 em Belo Horizonte, quando mulheres da alta burguesia, empunhando terços, acabam por perturbar um comício onde discursaria Leonel Brizola, conhecido por suas posições esquerdistas e cunhado do presidente.

A luta dos setores tradicionais da Igreja contra o “ comunismo” , contrastou naquele momento histórico com o trabalho de alguns religiosos nos movimentos populares de caráter reivindicatório como as Ligas Camponesas do Nordeste. Travou-se uma “ batalha” silenciosa dentro da própria Igreja. Mesmo a ala chamada progressista, acabou cedendo e, após os acontecimentos políticos do início de 1964, terminou, num primeiro momento, apoiando o golpe militar.

Para Sigaud, este apoio seria incondicional, mesmo nos anos que se seguiram ao Golpe. Sua visão a respeito do papel das forças armadas é quase uma metáfora do cruzadismo medieval. Daí afirmar :

Fiel às tradições católicas, vemos as forças armadas com simpatia e carinho. A Igreja sempre viu com amor aqueles de seus filhos que abraçam a carreira das armas – terra, céus e mar – para a defesa de seus pacíficos filhos. Ela soube educar o guerreiro medieval, e transformá-lo no cavaleiro que punha sua espada e sua lança a serviço do fraco e do pobre. É este o espírito católico com que deveis abraçar vossa carreira.

Quereis ver cristalizado o pensamento da Igreja?Contemplai a benção das espadas. Sobre o aço leal e brilhante, reto como a justiça e nobre como uma cruz, correm as águas da benção litúrgica. É o gládio posto a serviço da cristandade, na missão de defender e

castigar. Não se benze a cimitarra brutal e cruel, não se benze o sabre tortuoso e matreiro; benze-se a espada nobre e leal, cortante e enérgica. Eis o vosso símbolo. Eis a benção da Igreja e o Nosso voto. Assim sede!²⁹

No dia 19 de março, se iniciar-se-ia o movimento que serviria para respaldar o golpe de 1964, e

O presidente da República acaba de anunciar, uma semana antes, a entrada em vigor das medidas de expropriação agrária. Em ligação com a “ Cruzada do Rosário em Família” e o “ Movimento de Arregimentação Feminina”, a TFP organiza a “ Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Várias centenas de milhares de manifestantes católicos (alguns elevam a cifra a um milhão) despejam-se no centro de São Paulo para rezar o terço e pedir a Deus que salve o Brasil do “ perigo bolchevista”. Outras manifestações do mesmo estilo, embora modestas, tiveram lugar igualmente em outras grandes cidades. Caucionada pelo Cardeal Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, e propagada pela maioria das paróquias de São Paulo, essa manifestação monstro serve como “apoio popular” aos que conspiram a derrubada do regime.³⁰

O integrismo tem um importante papel na legitimação do Golpe de 1964, tal como teve na consolidação da Ditadura Vargas e na “perseguição” aos comunistas no pós-guerra. Em termos regionais, o Norte Paranaense é uma mostra em nível localizado das práticas e da efetivação de um projeto integrista, emergindo o embate entre as diferentes visões de mundo das elites intelectuais católicas do período e da própria sociedade , já que continuará o agravamento da tensão entre integristas e progressistas na Igreja, durante os anos seguintes.

²⁹ SIGAUD, Geraldo de Proença. *Pastoral de Saudação*. São Paulo [s.n.]: 1947. p. 52-53.

³⁰ ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.p.29.

Recuar diante do inimigo, ou calar-se, quando de toda a parte se ergue tanto alarido contra a verdade, é próprio do homem covarde ou de quem vacila nos fundamentos de sua crença.

Leão XIII

CAPÍTULO 3 – O EMBATE ENTRE TRADICIONALISTAS E PROGRESSISTAS

3.1. O Vaticano II e a mudança global

Nunca a humanidade sofreu tantas transformações tecnológicas, sociais e políticas quanto no século XX,. Já na década de 40, o Papa Pio XII centrou seus esforços no sentido de conter os males trazidos pela modernidade e manter a Igreja sob num contexto de romanização e conservadorismo. A II Guerra Mundial significou não só um perigo para a própria autonomia do Estado do Vaticano como também para a sobrevivência do Catolicismo nos países dominados pelas tropas do eixo. Se é verdade que as ditaduras da direita receberam forte apoio do integrismo católico por toda a Europa, também é fato que católicos sofreram perseguições por parte de regimes ditatoriais como o nazismo . PIO XI em sua *Mit Brennender Sorge* deixa claro que aquele não era um sistema político que pudesse ser apoiado por católicos,

A Mit Brennender Sorge (“ com viva ansiedade”) denunciava tanto as ações diretas do governo contra a Igreja, violando a concordata, quanto a teoria racial nazista em geral. Deu uma surpreendente e deliberada ênfase à validade permanente das Escrituras judaicas, e o papa denunciou o “culto idólatra” que substituiu a crença no verdadeiro Deus por uma “religião nacional” e pelo “mitoda raça e do sangue”. Contrastou essa ideologia perversa contra a doutrina da Igreja, na qual havia um lugar “para todos os povos e todas as nações “. ¹

No entanto, o expansionismo nazista e a ocupação da Europa pelas tropas do Eixo foram um problema que ficou para seu sucessor acusado por uns de

¹ DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores : História dos Papas.*(trad. Luiz Antônio Araújo) . São Paulo : Cosac &Naify, 1998.p.261.

ser o Papa de Hitler² e por outros de ser o Papa dos Judeus³. Os próprios documentos do Vaticano abrem caminho para as duas visões. Realmente, havia uma dualidade nas ações de Pio XII na busca de haver condições de manter a Igreja livre de perseguições, do modo que,

No fim de 1942, Pio XII finalmente cedeu à pressão crescente e incluiu na mensagem de Natal o que lhe pareceu uma clara e inequívoca condenação do genocídio. Exortou todos os homens de boa vontade a trazer a sociedade de volta ao governo de Deus. Tratava-se de um dever, declarou, que tínhamos para com os que morreram na guerra, para com suas irmãs, suas viúvas e seus órfãos, para com os exilados e para com “as centenas de milhares de inocentes mortos ou condenados à lenta extinção”, por vezes unicamente devido a sua raça ou a sua descendência”.⁴

A condenação das atrocidades cometidas pelo nazismo não tinham sido bem evidenciadas segundo os mais críticos. Pio XII teria sido muito tímido diante de todo o horror pelo qual passava a humanidade:

Tanto Mussolini quanto o embaixador alemão Ribbentrop ficaram irritados com esse discurso, e a Alemanha considerou que o papa abandonara sua pretensa neutralidade. Para eles Pio havia condenado inequivocamente a ação nazista contra os judeus. Mas nem todos pensavam assim. Aos aliados, e não só a eles, mas também a alguns no Vaticano, a mensagem tinha sido fraca, oblíqua e cifrada, quando a horripilante realidade exigia algo mais impetuoso e direto. Tinham a certeza de que Pio XI teria agido de outro modo. Este sentimento se manteve em sigilo durante a vida de Pio XII; depois da guerra, foi o gigantesco esforço humanitário do Vaticano – seus funcionários processaram nada menos que 11.250.000 investigações de desaparecidos – que chamou a atenção e despertou gratidão. Todavia, em 1963 o problema veio à tona na controvérsia pública suscitada pela peça *O representante*, de Rolf Hochhuth, que retratava um Pacelli avarento e anti-semite, recusando-se a qualquer esforço em favor dos judeus de Roma em 1943. A polêmica cresceu desde então.⁵

² É a posição de CORNWELL, John. *O Papa de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

³ Nesta linha temos a posição de AVRAHAM, John. *Os judeus do Vaticano*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁴ DUFFY, op.cit. p.264.

⁵ DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores : História dos Papas.* (trad. Luiz Antônio Araújo) . São Paulo : Cosac &Naify, 1998,p.264.

No final da II Guerra é que o Papa enfrentaria seus maiores dilemas, atormentado pelos fantasmas do passado e incapaz de lidar com os desafios do futuro.

Seu sucessor, João XXIII, foi escolhido num conclave onde o colégio cardinalício estava bastante dividido entre os mais conservadores e aqueles que gostariam de “novos rumos”. Sua missão era ser um “Papa de transição”. Seu nome tinha bom trânsito nos dois lados e já em idade avançada teria certamente um breve pontificado. Os cardeais só não esperavam que este seria um pontificado que mudaria a face da Igreja Católica, principalmente, na América Latina. A convocação do Concílio Vaticano II mostrou um primeiro passo para o que João XXIII chamava de *aggiornamento* da Igreja. Sem dúvida nenhuma, as decisões do concílio serão ao longo dos anos posteriores, o grande motivo para o embate entre as tendências políticas e pastorais que se formaram entre os bispos no Brasil.

MAINWARING⁶, afirma que “por volta de 1955 havia três facções principais da Igreja”, primeiramente, os *tradicionalistas* mas não no sentido do termo antes dos anos 50, quando se aplicaria ao catolicismo popular e Ibérico, o grupo que ele denomina tradicionalistas na verdade ainda seguiam as regras da romanização e da neocristandade. Segundo eles a “A Igreja deveria seguir no combate à secularização e no fortalecimento da presença da instituição na sociedade”. O segundo grupo seria o dos chamados *modernizadores conservadores*, aqueles que “acreditavam que a Igreja precisava mudar para cumprir sua missão no mundo moderno com maior eficácia”. O terceiro grupo era composto pelos chamados *reformistas*, “essa facção compartilhava da preocupação

⁶ MAINWARING, Scott. A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985) – Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.p.56-57.

dos modernizadores conservadores com um trabalho pastoral mais intenso e uma educação religiosa mais eficaz, mas suas posições sociais eram mais progressistas”.

O Concílio Vaticano II foi precedido por uma longa fase preparatória onde os bispos de todo o mundo deveriam opinar sobre os rumos a serem tomados. O ponto mais importante do concílio dizia respeito a seu caráter não condenatório e ecumênico. Os problemas da Igreja e da Humanidade em âmbito mundial deveriam ser debatidos sempre levando-se em conta a Igreja não mais “acima do mundo” e sim “no mundo” . Para CASTRO ⁷,

É nesse momento que o leigo atinge seu momento maior de participação ativa da Igreja . Participação que, sob um ponto de vista social, chega a ter uma importância ou um peso no mínimo tão importante quanto o do próprio clero ou mesmo o do episcopado. É a denúncia das injustiças, são os esforços de promoção humana que acompanham o arejamento da igreja nascido do sopro do Espírito, através de João XXIII. É a Igreja a se atualizar, a se por em dia com os problemas humanos do tempo presente.

As decisões do Vaticano II , foram interpretadas de diferentes maneiras nas diversas regiões do mundo. Na América Latina, a maioria dos bispos tanto tradicionalistas como reformadores, viram no Concílio uma grande mudança de rumo nas relações que a Igreja mantinha com os fiéis ,

... o Concílio enfatizou a missão social da Igreja, declarou a importância do laicato dentro da Igreja, motivou por exemplo maiores responsabilidades, co-responsabilidade entre o papa e os bispos, ou entre padres e leigos dentro da Igreja, desenvolveu a noção de Igreja como o povo de Deus, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia de modo a torná-la mais acessível e introduziu um série de outras modificações .⁸

Para os reformadores, seria a chance de ter uma Igreja adequada aos novos tempos, adaptando-se às transformações na sociedade ,

⁷ CASTRO, Marcos. *A Igreja e o autoritarismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.16.

⁸ MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985) – Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto*. São Paulo: Brasiliense, 1989.p.62.

“ O Vaticano II foi o motor de toda essa mudança; foi quem sistematizou. Sempre houve, na Igreja, teólogos, pastores e leigos que assumiram uma posição dialética, em favor dos oprimidos, mas foi só a partir do Vaticano II que essa posição tornou-se oficial e as atitudes foram sendo sistematizadas. (...) O que fez com que eu me colocasse ao lado do povo, foi o vaticano II”⁹

Já os tradicionalistas, percebiam no Concílio a “fumaça de satanás no templo de Deus” . Havia uma percepção de revolução mundial em andamento e o perigo da destruição do mundo cristão . OLIVEIRA¹⁰, um dos porta-vozes dos setores tradicionalistas dizia que a revolução :

“não é um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos”cujos três grandes momentos são sucessivamente a Pseudo-reforma da Renascença, a Revolução Francesa e o comunismo da Revolução de Outubro. A causa profunda dessa revolução é uma “explosão de orgulho e sensualidade”.Com efeito, “o orgulho leva ao ódio de toda superioridade, e portanto à afirmação de que a desigualdade como tal é um mal em todos os planos, principalmente no metafísico e no religioso. É o aspecto igualitário da revolução. A sensualidade como tal tende a derrubar todas as barreiras. Não tolera freios e conduz à revolta contra toda a autoridade e toda lei, seja divina ou humana, eclesiástica ou civil. É o aspecto liberal da revolução”. Esses dois aspectos “ se conciliam na utopia marxista de um paraíso anárquico no qual uma humanidade altamente evoluída, ‘ emancipada’ de qualquer religião, viveria numa ordem profunda sem autoridade política e numa liberdade total da qual não decorreria nenhuma desigualdade”.

Especificamente no caso brasileiro, o debate entre os reformistas e tradicionalistas foi tomando cada vez mais orientações políticas. Estas posições se tornariam cada vez mais complicadas, em virtude do confronto entre capitalismo e socialismo, a Revolução Cubana e a forte presença norte-americana no Brasil. No início dos anos 60 , o governo Goulart mostra-se cada vez mais engajado na implementação das reformas de base reivindicadas pelos movimentos populares . Na própria Igreja, já existiam, desde os anos 50, diversos movimentos de engajamento político representando interesses tanto de tradicionalistas como de

⁹ PIRES, Dom José Maria apud MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)* – Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 63

¹⁰ Apud ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.p.22.

reformistas. A perspectiva de que poderia haver uma revolução socialista , não era vista como um “ delírio dos setores tradicionalistas”, estava presente nos debates políticos da época , e em algumas publicações como a *Revista Brasileira* . Logo,

O projeto social dos nacionalistas econômicos da *Revista Brasileira* era bastante diverso daquele defendido pelo nacional-desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek e do ISEB. Pregavam a aliança dos “setores sociais populares” (proletários, camponeses e progressistas) na defesa da industrialização e de reformas estruturais, sobretudo a agrária, para viabilizar a elevação do padrão social e econômico da população brasileira. O grande objetivo não era simplesmente o aprofundamento da industrialização, mas a ampliação da qualidade de vida e de trabalho da maior parte possível da população rural e urbana. Consideravam que as principais ameaças à consecução desse projeto político e social viria, no plano externo, dos interesses do grande capital internacional (“sistema imperialista”) e, internamente, da oposição dos latifundiários e da burguesia local coligada aos interesses do capital estrangeiro.¹¹

O Concílio sem dúvida, envolveu a Igreja no Brasil em dois sentidos:

de um lado, apoiar ou rejeitar o Concílio demonstraria a própria opinião política que poderia ser a opção preferencial pelos pobres, com o uso de uma liturgia mais adequada aos novos tempos ou, por outro lado, rejeitando-se o Concílio optar-se-ia pela manutenção da Igreja ainda Medieval , ou seja, anti-ecumênica e anti-modernista. Estas transformações na liturgia e a “aproximação com as massas” , passam a serem atacadas como o próprio sinal dos tempos pelos tradicionalistas.

Os anos imediatamente posteriores à II Guerra Mundial causaram grandes mudanças no mundo ocidental, como vimos anteriormente. A hegemonia capitalista faz com que o sistema avance em patamares nunca antes vistos, ao ponto dos países em desenvolvimento não serem mais observados meramente como fornecedores de matérias primas e consumidores de produtos acabados como na primeira metade do século XX. A nova dinâmica capitalista envolvia mais

¹¹ MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano o tempo da experiência democrática da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2003.p.172.

que isso, era o caso de investir nesses países exportando o próprio parque industrial para o terceiro mundo. No quadro brasileiro, observam-se as condições político-econômicas capazes de viabilizar este projeto a partir da chamada “Era JK “. Tal fenômeno é intitulado “ nacional desenvolvimentismo”.

Embora hoje a idéia de “ desenvolvimento nacional” nos pareça ampla e imprecisa para qualificar um projeto social específico, o fato é que , para os contemporâneos do governo JK, o conceito tinha um sentido muito claro:industrialização. Não se confundia, desse modo, com a idéia de um processo de desenvolvimento baseado exclusiva ou prioritariamente no setor agropecuário . Entre os segmentos mais radicais, significava também a modernização da sociedade nacional, via reformas profundas no sistema político-eleitoral, na administração do Estado, na estrutura agrária, na educação e nas relações internacionais.¹²

A burguesia nacional tinha interesse na expansão dos investimentos estrangeiros no país. Com isto, haveria a possibilidade de se conseguir parcerias na área empresarial e se “livrar” de um modelo econômico agrário-exportador já considerado superado. Desta forma:

Desde o colapso econômico de 1929, ficou relativamente claro para setores políticos e intelectuais importantes do cenário brasileiro o quanto era frágil a nação, justamente por ter-se sustentado em um processo de desenvolvimento dependente do mercado externo, isto é, modelo agrário-exportador. O antídoto proposto para combater tal fraqueza da nacionalidade era, não por mero acaso, o desenvolvimento de uma indústria nacional, cujo florescimento deveria ancorar-se no mercado interno. A opinião de Gabriel Passos, então deputado udenista por Minas Gerais e ativo militante nacionalista, é ilustrativa. De acordo com o parlamentar, “...um país só se libera , um país só progride quando transforma as próprias riquezas. O país meramente exportador de matéria-prima é país fadado ao aniquilamento e ao perecimento.”¹³

A estratégia de mercado das multinacionais que se instalaram no Brasil, era a mesma que passou a dominar o Capitalismo em nível mundial na

¹² MOREIRA, op.cit.,p.172.p.12.

¹³ MOREIRA, loc.cit.

segunda metade do século XX. Era simplesmente baseada na inversão das leis da economia. Ao invés do mercado estabelecer a produção, a produção estabeleceria o mercado. Isto seria possível a partir da criação de novas necessidades para os consumidores. O consumismo até então restrito aos países desenvolvidos e às camadas mais abastadas dos países mais pobres, passa a ser estendido à maior parte da população.

Surgem novos estilos de vida aos moldes norte-americanos e mais facilidades de crédito. O resultado de todo este esforço é um processo forçado de urbanização seguido de um violento êxodo rural causado pelas mudanças na economia e pela política do desenvolvimento industrial a todo o custo. Neste novo panorama sócio-econômico, uma instituição como a Igreja Católica sempre atrelada aos interesses das elites, parecia estar numa encruzilhada histórica na medida em que combatia os males da modernidade, colocava em risco a própria dinâmica do sistema capitalista do pós-guerra. Como continuar combatendo o cinema, os programas populares do rádio, a televisão, os bailes, enfim os novos hábitos que pareciam concorrer com a própria instituição? Verificou-se que os fiéis preferiam estes novos prazeres a assistir às missas. O domingo, outrora dia reservado ao Senhor, passaria a ser o dia das diversões cada vez mais abundantes e atrativas, principalmente das elites que outrora lotavam as Igrejas. A maneira de “enxergar” estes novos problemas que iam se avolumando e como inserir o catolicismo neste novo contexto, provocou a formação de diferentes grupos de influência dentro da Igreja no Brasil.

Enquanto a urbanização trouxe para o catolicismo os “problemas” ligados ao novo estilo de vida, por outro lado, a vida no campo tornava-se cada vez mais difícil em virtude da falta de políticas agrícolas coerentes com os interesses

dos pequenos e médios proprietários rurais. Os debates políticos no período demonstram uma preocupação com essa questão ,

Os políticos progressistas, fossem eles reformistas sociais ou simplesmente liberais interessados no aprofundamento do capitalismo industrial, eram unânimes quanto à crítica ao latifúndio. Presumiam que, na ausência de um processo distributivo de terras (reforma agrária), capaz de elevar o padrão social e econômico das massas rurais, dificilmente a industrialização nacional seria bem-sucedida, pois tornar-se-ia sufocada pela ausência de mercado interno consumidor.¹⁴

A reforma agrária como meio de diminuir as tensões no campo e evitar o êxodo rural não saiu do papel e com isso, a boa parte da população do campo e das cidades interioranas teve um acesso mais restrito à sociedade de consumo . A Igreja encontraria assim, um campo mais fértil para agir se modificasse sua ação pastoral. A criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil revela uma adaptação da Igreja aos novos tempos, ao menos, no Brasil. D. Hélder Câmara foi o grande articulador da criação desta conferência até então inédita em todo o mundo católico,

Em 1947, quando ele e o advogado mineiro, membro da Ação Católica, Vieira Coelho, se manifestaram pela primeira vez sobre a construção de uma barca totalmente nova para que a Igreja pudesse velejar no mar dos tempos modernos (*de acordo com entrevista no Jornal do Brasil, em 1972*) , sua carreira ainda não estava em evidencia . Helder rabiscou algumas linhas, criticando a Igreja, na esperança de reescrever seu futuro. Para tanto, a estrutura ainda sem nome que Hélder propôs formalmente em 1950 a Mons. Carlo Chiari, Núncio apostólico no Brasil, visava a cobrir três tarefas “administrativas”: revitalizar as linhas de comunicação entre os bispos do país; superar as lacunas individuais dos membros do episcopado nacional; prover uma unidade mínima à administração cotidiana e a outros esforços da Igreja. Mons. Montini, ajudante do núncio e futuro Papa Paulo VI, prometeu criar a “ Conferência “. Um ano depois, Hélder foi novamente a Roma e, somente em 1952, a Santa Sé houve por bem permitir o nascimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)¹⁵.

¹⁴ MOREIRA, op.cit.p.168.

¹⁵ DELLA CAVA, Ralf . Igreja e Estado no Brasil do séc. XX . *Estudos Cebrap*, São Paulo, Ed. Brasileira de Ciência, n.12, p.5-52 , abr.-jun., 1975. p.34.

A CNBB terá um papel fundamental nos próximos anos na defesa das camadas mais carentes, “ colaborando” com o governo e, ao mesmo tempo, cobrando políticas sociais mais coerentes . Tais diretrizes segundo DELLA CAVA¹⁶ seguiam as estratégias do próprio Vaticano para deter o surto revolucionário na América Latina. Deste modo,

O apelo dramático do Papa João XXIII, logo após a Revolução Cubana de 1961, é um documento importante, no qual o Vaticano apóia a cooperação íntima entre a Igreja Católica no Brasil e o Estado Brasileiro . “ Os bispos deveriam demonstrar aos governos e a todos os responsáveis , a urgência de reformas estruturais e melhoramentos para as massas subdesenvolvidas. A hierarquia e a Igreja, de forma subsidiária, deveriam cooperar nesta melhoria e dela participar ativamente.”

3.2 Sigaud e Mayer a posição tradicionalista a respeito da questão agrária

Os setores tradicionalistas da Igreja passam a questionar cada vez mais o apoio dado às reformas de base pela CNBB . Dentre os bispos tradicionalistas destacam-se por sua posição abertamente contrária a este apoio os bispos de Jacarezinho e de Campos (Rio de Janeiro) .

D. Geraldo de Proença Sigaud juntamente com D. Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos, incumbiram-se de escrever um capítulo “ doutrinário “ no livro publicado em novembro de 1960 pela Editora Vera Cruz, intitulado “ *Reforma Agrária*” *Questão de Consciência*. Nele, os bispos afirmam que não se opõem à “ verdadeira “ reforma agrária que seria uma reforma baseada nos princípios católicos, mas se colocam contra a pseudo reforma agrária (que sempre destacam entre aspas) como fruto das idéias socialistas que estariam se disseminando pelo Brasil. Para eles, devido à “ crise brasileira” (crise na produção,

¹⁶ DELLA CAVA, op.cit.p.42.

no transporte, nas finanças) , oportunistas buscariam mostrar uma saída para esta crise e a “ Reforma Agrária” seria esta saída. Os políticos do chamado bloco progressista, viam nos meios de comunicação uma imagem de proprietários rurais grandes e médios como verdadeiros parasitas da nação. Estes modelos de propriedades precisariam desaparecer para que houvesse o progresso. Neste sentido:

Além de defenderem a industrialização e de criticarem abertamente o modelo agrário-exportador precedente, os progressistas ainda compartilhavam uma outra avaliação:identificavam a oligarquia latifundiária como o maior “vilão” nacional, pois consideravam-na capaz de inviabilizar o aprofundamento do desenvolvimento industrial. Para eles, a elite agrária ainda era um bastião defensor da economia agrário-exportadora pouco interessada na industrialização, e cujos latifúndios, além disso, inibiam a formação de um mercado interno consumidor de industrializados.¹⁷

Os tradicionalistas rejeitam a visão política progressista a respeito da questão agrária que, segundo eles, fazia parte de uma campanha publicitária comunista , divulgada amplamente pela mídia , com o intuito de desmoralizar as instituições tradicionais, modificando a mentalidade dos brasileiros:

“Os debates sobre a reforma agrária vão desse modo, induzindo lenta e quase despercebidamente muitas pessoas a aceitarem uma mentalidade esquerdista, ou a resvalarem mesmo para a adoção explícita de programas socialistas e revolucionários que, há um ou dois anos atrás, teriam rejeitado categoricamente”¹⁸.

Diante do “perigo” de ser viabilizado o projeto de reforma agrária de cunho socialista, entendia-se que a luta contra este, não caberia somente aos agricultores mas, a todos os setores da sociedade interessados em prevenir este “mal”.

¹⁷ MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano o tempo da experiência democrática da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2003.

¹⁸ OLIVEIRA, op.cit., p.4.

Buscam-se os aspectos “positivos” da realidade rural, e aborda-se a “popularidade do fazendeiro na tradição brasileira”. Trata-se de um certo saudosismo com a imagem tida pela sociedade brasileira a respeito do fazendeiro nas primeiras décadas do século XX. O fazendeiro é mostrado num primeiro momento como um legítimo proprietário de terras que acumulou bens graças ao “seu trabalho duro”. Homem de ação, gerava empregos e protegia seus empregados. Logo após, como um membro da elite, ansioso por ampliar sua cultura, mudou-se para a cidade, para contribuir para o progresso dos centros urbanos. Ao mesmo tempo, está sempre ligado à terra, ampliando sua produção, voltada para o mercado interno e externo, gerando através da exportação, a prosperidade nacional.

Esta análise evidentemente demonstra aspectos parciais e generalizantes da realidade rural brasileira, desprezando-se as relações de poder e dominação, dando ênfase apenas ao “comprometimento mútuo” de fazendeiros e seus empregados. De certa forma, a descrição que fazem destas relações e do fazendeiro mostram de maneira inconsciente que as relações clientelísticas¹⁹, próprias do coronelismo eram socialmente positivas. O fazendeiro teria assim o seguinte perfil :

“ Senhor de terras adquiridas pelo trabalho árduo e honrado ou por uma legítima sucessão hereditária, não se contentava em tirar delas, preguiçosamente, o estrito necessário para a subsistência e a dos seus. Pelo contrário, movido por um anseio de crescente bem-estar e ascensão cultural, aspirava ele ao pleno aproveitamento da fonte de riqueza que tinha em mãos. Para isto, franqueava suas terras largamente às famílias de trabalhadores braçais que, vindos de todos os quadrantes do Brasil e das mais variadas regiões do mundo, procuravam no campo as condições de uma existência honesta e segura. Dedicado de sol a sol à direção da faina rural, o proprietário, associado assim aos trabalhadores braçais na tarefa de tirar do solo recursos de que um e outros iam viver, era verdadeiramente o “pater”, o “patrão” de cujos bens e de cuja atuação todos recebiam alimento,

¹⁹ A este respeito ver :

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo : Alfa-ômega, 1975.

teto, roupa e meios de poupança, na medida da situação e da cooperação de cada qual.²⁰

Como explicar que num “curto” espaço de tempo, a opinião pública pudesse ter mudado com relação à reforma agrária? Para os bispos, trata-se de uma ideologia que se implantou gradualmente em pequenos “círculos” e, foi se infiltrando nos meios políticos, sociais, técnicos e religiosos. Teríamos um socialismo ateu e radical, um socialismo laico e moderado e o socialismo dito “católico”. Sobre este “socialismo católico”, não se pode perceber pelo texto, se é uma referência ao socialismo cristão ou à ala progressista da Igreja. Diante da aceitação cada vez maior das idéias socialistas pelos diversos setores da sociedade brasileira, os próximos tópicos serão destinados a passar ao público leitor do livro uma visão do socialismo a partir do conservadorismo católico. Afirmam que: *A doutrina socialista é incompatível com a propriedade e a família*²¹

Ressaltam-se, inicialmente, o que seriam características do socialismo, tais como, o materialismo, o hedonismo, a busca pelo igualitarismo pleno em detrimento da família e da propriedade privada, até a implantação do totalitarismo, como se segue:

No atual estágio da evolução humana, já é possível abolir a propriedade, a hierarquia social e a família (esta última é uma evidente fonte de desigualdades), e reconhecer que o Estado é o único titular de todos os direitos. Ao Estado, dirigido pelos operários e camponeses, competirá manter a igualdade plena entre os homens.²²

Deflui o raciocínio que o direito de propriedade nasce da natureza do homem.

²⁰ OLIVEIRA, op.cit., p.15.

²¹ Ibid., p.31.

²² OLIVEIRA, loc.cit.

Na raiz da oposição entre a tese socialista contrária à propriedade privada e a tese católica, favorável a esta última, há uma diferença de concepção a respeito da natureza humana.

Para o socialismo, o homem não é senão uma peça da imensa engrenagem que é o Estado.

A doutrina católica o vê com outros olhos.

Todo ser vivo é dotado por Deus de um conjunto de necessidades, de órgãos e de aptidões que estão postos entre si numa íntima e natural correlação. Isto é, os órgãos e as aptidões de cada ser se destinam diretamente a atender às necessidades dele.

O homem se distingue dos outros seres visíveis por ter uma alma espiritual dotada de inteligência e vontade. Pelo princípio de correlação que acabamos de enunciar, a inteligência serve ao homem para conhecer suas necessidades e saber como satisfazê-las. E a vontade lhe serve para querer e fazer o necessário para si. Está, pois, na natureza humana conhecer e escolher o que lhe convém.²³

O discurso continua no sentido de demonstrar que da partilha das propriedades ressurgiria a desigualdade social. A igualdade total na verdade, levaria ao caminho de uma ditadura onde os direitos individuais não seriam mais respeitados em prol do estado totalitário. Sobre a família, seria fundada na mesma natureza da propriedade e que seria justo que um pai de família acumulasse bens para prevenir seu futuro ou mesmo deixá-lo como herança aos filhos. O acúmulo é visto como dádiva divina para aqueles que se esforçam de maneira lícita para consegui-lo.

Para mostrar a incompatibilização do socialismo com a doutrina católica, citam-se trechos de encíclicas Leão XIII, “*Diuturnum Illud*”, de 29 de junho de 1881; Pio IX, Encíclica “*Noscitis et Nobiscum*”, de 8 de dezembro de 1849 e Pio XI, Encíclica “*Quadragesimo Anno*”, de 15 de maio de 1931.

²³ OLIVEIRA, op.cit.,p.33.

É frisado ser enganoso pensar que só o comunismo seria condenado pela doutrina. É, também, toda a forma de socialismo, incluindo-se aí até mesmo o socialismo cristão ou socialismo católico, chamado pelos autores de socialismo róseo. Este posicionamento não é respaldado diretamente na doutrina como em outras partes do livro, talvez para evitar maiores polêmicas. Para o integrismo católico, as duas encíclicas papais citadas dão sustentação para a condenação veemente do socialismo cristão. A primeira delas é a *Quadragesimo Anno* que explica serem

Católicos e socialistas: termos contraditórios.

E se este erro, como todos os mais, encerra algo de verdade, o que os Sumos Pontífices nunca negaram, funda-se contudo numa concepção da sociedade humana diametralmente oposta à verdadeira doutrina católica. Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios: ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista.²⁴

Outra encíclica de Pio XI escrita em 1937, seis anos após a *Quadragesimo Anno*, continua a condenar o socialismo e qualquer ligação de católicos com suas idéias ainda que se trate apenas de simpatizantes. Destaca-se no texto, uma preocupação com as transformações no movimento comunista internacional visando uma aproximação com os católicos. Daí dizer :

O comunismo manifestou-se no começo tal qual era toda a sua perversidade, mas logo percebeu que assim afastava de si os povos; mudou então de tática, e procura ardilosamente atrair as multidões, ocultando os próprios intuitos atrás de idéias, em si boas e atraentes. Destarte, vendo o desejo comum de paz, os chefes do comunismo fingem ser os mais zelosos fautores e propagandistas do movimento pela paz mundial; mas ao mesmo tempo excitam os homens para a luta de classe, que faz correr rios de sangue, e, pressentindo falta de garantia interna de paz, recorrem a armamentos sem limites. Assim, sob denominações várias, que nem sequer fazem alusão ao comunismo, fundam associações e periódicos, que, na verdade, servam só para fazer penetrar suas idéias em meios que doutra forma lhes seriam menos acessíveis; procuram até infiltrar-se

²⁴ PIO XI. *Quadragesimo Anno* (Sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social) . 5.ed. Petrópolis: Vozes,1959. 3, v.I, p.44.

insidiosamente em associações católicas e religiosas. Assim, em alguns lugares, mantendo-se firmes em seus perversos princípios, convidam os católicos a colaborar com eles, no chamado campo humanitário e caritativo, propondo por vezes coisas em tudo até conformes ao espírito cristão e à doutrina da Igreja. Em outras partes, sua hipocrisia vai ao ponto de fazer acreditar que o comunismo, em países de maior fé ou de maior cultura, tomará feição mais branda, não impedirá o culto religioso e respeitará a liberdade de consciência.²⁵

O posicionamento das encíclicas parcialmente transcritas acima, vincula os adjetivos atribuídos ao comunismo ou socialismo, utilizados pelos autores em várias partes do livro, tais como : “Transtorno absoluto de toda ordem humana” , “Monstro horrendo”, “Ruína de todas as instituições”, “Seita destruidora de toda a sociedade civil”, “Seita pestífera”, “Seita demolidora”, “Seita abominável”.

Evidencia-se uma preocupação com o perigo de soluções moderadas e conciliatórias para a questão agrária, pois, as mesmas poderiam abrir caminho para um socialismo total.

Os argumentos utilizados para demonstrar o perigo de uma revolução socialista levam em conta o efeito da propaganda socialista na sociedade. Discute-se o sentido do termo revolução, demonstrando-se que ela diz respeito a qualquer mudança na ordem social estabelecida seja ela violenta ou não, a partir do momento que a sociedade aceite tais mudanças, ainda que sejam decididas diretamente pelo voto ou por representantes.

Percebe-se, pela análise do tema, que a propaganda explícita seria pouco eficaz, daí o subterfúgio da utilização de meios mais eficazes como a omissão da verdade, mostrando ao público apenas um lado da questão, como o sensacionalismo sobre alguns temas sociais. Os autores procuram demonstrar que expressões do tipo “ feudalismo” e “latifúndio” são tomadas no sentido pejorativo

²⁵ PIO XI . *Divini Redemptoris* (Sobre o comunismo ateu) 6.ed. Petrópolis : Vozes, 1959, v.I, p. 29-30.

enquanto “ democracia” e “Justiça social” são utilizados como termos progressistas. Para eles, democracia e justiça social , tal como são colocadas na propaganda socialista soam como se fossem a igualdade absoluta. *O próprio destas fórmulas consiste em que quem as emprega inocula por vezes o vírus do socialismo nas pessoas que as ouvem. E estas, por sua vez, não percebem que sua mentalidade se está tornando socialista.*²⁶

Buscam as origens do socialismo na Revolução Francesa, a partir do princípio da igualdade absoluta entre os homens:

Implantando a igualdade política, a Revolução Francesa deixou intactas as desigualdades econômicas, bem como as desigualdades sociais que destas decorrem. Paralelamente com a expansão universal dos princípios revolucionários, um problema de fundo se delineou assim, ao longo de todo o século XIX, mais claro para alguns espíritos, menos claro para outros. Sobretudo as almas fortemente impregnadas de sentimentalismo romântico e filantrópico se mostraram impressionadas com ele. Esse problema poderia formular-se assim: se a igualdade natural entre os homens deve acarretar a igualdade política, por que não há de conduzir também à igualdade econômica e social?²⁷

A respeito da “Reforma Agrária”, os autores consideram que ao mesmo tempo causa repulsa por seu radicalismo, e também provoca paralisia pelo seu conteúdo igualitário como solução para os problemas sociais. Esta passividade poderia conduzir num segundo momento a uma Revolução Socialista.

A seguir, ocupam-se os bispos em alertar para o que denominaram *opiniões socializantes que preparam o ambiente para a “ Reforma Agrária”*. Detectam inclusive a influência não mais do sistema de idéias socialistas, mas de pensamentos e opiniões disseminados entre setores laicos que se reputam conservadores, mas que estariam aderindo ao socialismo moderado.

²⁶ OLIVEIRA, op.cit.,p.49.

²⁷ Ibid. p. 53.

Observou-se que o principal objetivo argumentativo desta seção seria demonstrar que qualquer espécie de socialismo seria contrária a doutrina católica. Para conseguir viabilizar seu intento, utilizam-se de freqüentes referências às encíclicas, cartas apostólicas e alocuções.

Num primeiro momento, os autores se centram nas questões relacionadas diretamente com a família, a propriedade privada, as desigualdades sociais e econômicas diante da moral e da doutrina social da Igreja. Defende-se, a seguir, a estrutura fundiária brasileira como produtiva e contribuidora para o progresso do país. As visões “distorcidas” à respeito do latifúndio seriam, fruto do avanço das idéias socializantes e, por isso, deve a opinião católica pronunciar-se contra a reforma agrária.

Esta “Reforma Agrária” que visa dividir as propriedades grandes e médias, seria extremamente contrária aos princípios católicos já que

Todos os Homens ativos e probos têm igual direito à vida, à integridade física, à fruição de condições de existência suficientes, dignas e estáveis.

Mas é justo que os mais capazes, mais ativos, mais econômicos tenham, além deste mínimo, o que produzirem graças a suas superiores possibilidades.

Daí decorre legitimamente a diferenciação das propriedades em grandes, médias e pequenas, e quiçá a existência de uma classe condignamente remunerada.²⁸

Afirmam os autores que a igualdade sonhada pelos socialistas é antinatural, citando como referência Leão XIII em sua *Rerum Novarum*, de 1891:

O primeiro princípio a por em evidencia é que o homem deve aceitar com paciência sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os socialistas; mas contra a natureza todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu as diferenças tão múltiplas como profundas; diferenças de inteligência, de talento, de habilidade, de saúde, de força: diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições. Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da

²⁸ OLIVEIRA, op. cit. p. 63.

sociedade como dos indivíduos; porque a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas, e o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções é, principalmente, a diferença de suas respectivas condições.

A desigualdade como uma condição natural da existência humana seria a aplicação lógica do princípio dos Evangelhos de amar o próximo como a nós mesmos. A diferença entre as classes sociais deveria ser fruto da aplicação da justiça e da caridade cristã dos mais capazes para com os desafortunados. Preserva-se o direito de propriedade como um direito natural e mais ainda, divino e valoriza-se a fraternidade e a caridade, prática esta pregada desde os primórdios da Igreja Católica Romana.

Quanto à possibilidade de ascensão social colocam-se duas situações : desde que o homem receba uma remuneração digna (aquela que seria suficiente para o seu sustento e de sua família), não deve invejar a prosperidade alheia. Contudo, é seu direito buscar melhorar suas condições materiais. Com base neste raciocínio, voltam a citar a questão agrária, afirmando :

É justo que, num regime social equilibrado, possam os trabalhadores rurais, em larga medida, tornar-se proprietários de terras .

Sendo indispensáveis a um regime justo e equilibrado, em países como o Brasil, também a grande e a média propriedade , é necessário que o acesso do trabalhador à condição de proprietário não se opere em escala tal, que as propriedades desse tipo – e especialmente as médias – sejam raras, ou de todo inexistentes.

Além disto, é utópico pensar que o acesso do homem do campo à situação de proprietário se dê geralmente em proporções tais que sua terra possa absorver toda a capacidade de trabalho dele, e dar-lhe, bem como aos seus, todo o sustento. Muitos pequenos proprietários precisarão ser ao mesmo tempo assalariados, para aproveitarem suas horas disponíveis e obterem o necessário para sua condigna subsistência.

Por fim, cumpre lembrar que, nas condições concretas da vida terrena, não só haverá sempre pessoas que, sem terem qualquer propriedade, precisarão viver exclusivamente de seu trabalho, como outras que necessitarão da caridade para subsistir.

É uma glória da civilização cristã tornar tais situações tão pouco freqüentes quanto possível. E é uma glória da igreja o afirmar em sua doutrina a sublime dignidade da condição de pobre, resignar o pobre

à sua situação, e atrair em favor dos indigentes os tesouros da caridade cristã.²⁹

A valorização da tradição familiar nas elites também é tida como natural. Como tudo que vive, a família tende a se perpetuar e no caso das elites, a longevidade familiar é garantida pela procriação e faz com que os indivíduos que a ela pertençam herdem não apenas bens materiais mas toda uma tradição familiar. Portanto, famílias que honram suas tradições não merecem ser designadas, segundo os autores, de oligarquias pois as famílias são livres para fazer jus à uma condição elitista ou declinar dela.

A metáfora do “Corpo Místico de Cristo” é utilizada para reforçar a “importância” das elites tradicionais na sociedade, como se fosse semelhante a um corpo com órgãos diversos, sua cabeça seria constituída pelas “mais altas elites tradicionais”.

Os autores da “Reforma Agrária”, acreditam que a divisão territorial brasileira em propriedades grandes, médias e pequenas é justa e que se estas forem extintas, as propriedades pequenas não conseguiriam subsistir sem a ajuda do Estado, caindo no coletivismo, tal como ocorreu na União Soviética. Além do que, neste sistema, afirmam, os trabalhadores não teriam estímulo para progredir. Utiliza-se como exemplo da impossibilidade de conseguir a igualdade social plena, o próprio regime soviético, onde os funcionários do Kremlin e os engenheiros detinham vários privilégios, em contraposição aos operários. Desta forma : *Quaisquer que sejam as vicissitudes pelas quais as formas do governo são chamadas a passar, haverá sempre entre os cidadãos essas desigualdades de condições, sem as quais uma sociedade não pode existir nem conceber-se*³⁰.

²⁹ OLIVEIRA, op. cit. p. 113-114.

³⁰ LEÃO XIII. Encíclica *Rerum Novarum* 15/05/1891. apud OLIVEIRA, op.cit.p.65.

Diante do quadro de apreensão a respeito de uma reforma agrária que pudesse agredir o instituto da propriedade privada, indagam os autores: deve a opinião católica pronunciar-se sobre a reforma agrária ? Antes de uma série de argumentos para legitimar um “ sim” , lembram que a Igreja católica é a “depositária, a mestra e a defensora da lei de Deus”. Diante disso, cabe à Igreja declarar se a “Reforma Agrária” é ou não contrária a esse mandamento. Por isso, a Igreja não deve calar-se diante da injustiça, devendo pronunciar-se contra os abusos da estrutura agrária atual sem, no entanto, condená-la totalmente. A Igreja não se opõe ao capitalismo, mas sim, contra os abusos deste. Deve exigir condições de existência dignas e suficientes para os pobres mas, ao mesmo tempo , deve assegurar o direito de ricos serem ricos.

Qualquer projeto de reforma agrária que agrida o princípio de desigualdade entre as classes sociais deve ser repellido de maneira firme como uma cruzada pela fé. Censura-se os que não querem combater pela fé:

Há efetivamente quem pense que não convém resistir de frente à iniquidade quando poderosa e dominante , com medo, dizem, de que a oposição assanhe ainda mais os inimigos . Os homens que assim falam, não se sabe se são a favor da igreja ou contra ela . por outro lado afirmam que professam a doutrina católica; mas ao mesmo tempo quereriam que a Igreja deixasse livre curso a certas teorias que dela discordam . Lamentam o decaimento da fé e a corrupção dos costumes, mas não tratam de aplicar-lhe remédio, se é que com sua excessiva indulgência, ou com pernicioso dissimulação, não agravam muitas vezes o mal.³¹

Deve o Católico enfrentar os maus pois: *Recuar diante do inimigo , ou calar-se quando de toda parte se ergue tanto alarido contra a verdade, é próprio de homem covarde ou de quem vacila no fundamento de sua crença*³² .

Defende-se que tanto os bispos quanto os católicos leigos se pronunciem a respeito da “ Reforma Agrária” por ser tanto matéria econômica e

³¹ LEÃO XIII. Encíclica *Sapientiae Christianae* de 10/01/1890 apud OLIVEIRA, op.cit. p.173.

³² OLIVEIRA, loc.cit.

social, mas, também é oportuno que se reflita sobre a perspectiva religiosa a respeito do assunto. A este respeito, se posicionou Pio XII da seguinte forma :

*A questão social, diletos filhos, é sem dúvida também uma questão econômica, mas é muito mais uma questão que diz respeito à regulação ordenada do consórcio humano, e, no seu mais profundo sentido, uma questão moral e portanto religiosa.*³³

Quanto à questão da pobreza, coloca-se que a Igreja sempre foi a favor dos pobres. Isto não significa que deva ser contrária aos ricos que sejam “justos”. Defende-se uma harmonia social à partir do amor a Cristo, condenando-se também os “maus ricos” : *Ai de vós que sois ricos, porque tendes a vossa consolação. Ai de vós que estais fartos, porque vireis a ter fome*³⁴.

Em suma, ressaltam que na terra podem existir ímpios felizes e justos infelizes, Deus julgará todos no juízo final, dando a cada um a sua recompensa. Para às nações não se aplica este princípio, também estão sujeitas à justiça divina, mas como não há Estados no céu ou no inferno, seu julgamento ocorrerá neste mundo. Somente a nação virtuosa (católica e fiel à Roma) será feliz e a pecadora, infeliz.

Diante de um discurso tão claramente favorável às atitudes concretas dos católicos contra o “inimigo”, torna-se mais compreensível como foi possível a mobilização popular contra a “ameaça comunista” e o papel desempenhado pelos conservadores por ocasião do Golpe de 1964. Permite ainda entender o firme propósito dos Bispos Sigaud e Mayer durante sua participação no Concílio Vaticano II em obter uma condenação ao comunismo, aliás algo que foi ignorado pelo

³³ Pio XII, Discurso de 12 de setembro de 1948, por ocasião do 80º aniversário da Juventude italiana da Ação Católica – “Discorsi e Radiomessaggi”, Vol. X, pág.210. apud OLIVEIRA, op.cit., p.161.

³⁴ Luc. . 6, 24-25. apud OLIVEIRA, op.cit., p.166.

Vaticano, sendo este, parte dos motivos que levaram D. Mayer ao chamado Cisma de Campos³⁵.

De qualquer forma, a campanha dos tradicionalistas surtiu um efeito rápido, porém, importante em termos políticos, com o apoio ao Golpe de 1964 por parte da própria CNBB, num momento em que a Revolução Socialista parecia realmente um perigo à Igreja. A CNBB preferia “agradecer” aos militares pelo socorro prestado à nação:

O Brasil foi, há pouco, cenário de graves acontecimentos, que modificaram profundamente os rumos da situação nacional. Atendendo à geral e angustiosa expectativa do Povo Brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do Poder, as Forças Armadas acudiram em tempo, e evitaram se consumasse a implantação do regime bolchevista em nossa Terra.

E um pouco mais adiante :

Ao rendermos graças a Deus, que atendeu às orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos Militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da Nação, e gratos somos a quantos concorreram para libertarem-na do abismo iminente.³⁶

Em breve, este apoio inicial se converteria em duras críticas ao Regime Militar que custaria a alguns clérigos sérias perseguições e torturas.

É fato que esta posição integrista frente à complexidade cada vez maior da sociedade brasileira não se sustentou por muito tempo. O próprio D. Sigaud, acabou rompendo com o grupo TFP em 1969, após a publicação de uma declaração em que o bispo se mostra “favorável aos métodos de desapropriação instituídos pelo Ato Adicional Número 9”³⁷. Para uma organização que tomava rumos cada vez mais radicais , mesmo num momento político ultra repressor por parte dos militares, Sigaud prefere permanecer fiel ao governo e ao Vaticano ,

³⁵ O Bispo de Campos D. Antonio de Castro Mayer não aceitou o novo Missal do Papa Paulo VI continuando a adotar em sua diocese a liturgia do Missal Tridentino .

³⁶ Apud CASTRO, Marcos. *A Igreja e o autoritarismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p.17-18.

³⁷ MACHADO, Antonio Augusto Borelli(org.) . *Meio Século de Epopéia Anticomunista – Coleção Tudo Sobre a TFP*. 2.ed. São Paulo: Vera Cruz, 1980.p.215.

afastando-se de D. Mayer e da organização que ele mesmo ajudou a fundar. Esta posição foi interpretada da seguinte maneira pela TFP:

Tendo sido seu pronunciamento reproduzido largamente, com o risco de indispor alguns setores da opinião nacional contra a atuação anticomunista da TFP, tornava-se imperioso que a entidade saísse por sua vez a público. Em suas declarações, o Arcebispo de Diamantina afirmava que o seu afastamento em relação à TFP fora consequência do apoio por ele dado à reforma agrária do governo, que considerava justa e cristã, e à reforma litúrgica determinada pela Santa Sé. D. Sigaud lamentava a dissensão, mas *“por um problema de consciência, não podia deixar de ajudar o governo ou ser contra o Papa.”*³⁸

Talvez sua posição se devesse à perspectiva de que o “perigo vermelho” estava definitivamente afastado do país pela repressão da ditadura. Os projetos institucionais da Igreja seriam mais importantes que posições teológicas isoladas porque as pessoas “passam” e a instituição permanece, foi assim por dois milênios. O próprio Sigaud acabou por ser vítima das próprias convicções quando “ em meados dos anos 80, chegou a pedir ao presidente João Figueiredo a expulsão do padre espanhol Pedro Casaldáliga, representante da chamada Teologia da Libertação. Três dias depois, pediu aposentadoria, alegando problemas de saúde”.³⁹

O conservadorismo católico, no entanto, ressurgiu no Brasil com o fim da ditadura militar em novas vertentes. A desilusão dos fiéis com a política fortalece cada vez mais a crença no sobrenatural, um fenômeno que fortalece movimentos como a Renovação Carismática Católica. Para a ortodoxia católica as questões mais aflitivas são outras. Após o Vaticano II, a Igreja já não se eleva acima do mundo. A permanência nele se torna a maior responsável pela resistência conservadora. Se a Igreja precisa se inserir no mundo, seu grande desafio são as grandes transformações científicas e culturais que podem comprometer a

³⁸ MACHADO, op.cit.p.216.

³⁹ Revista Época, ed. 69, 13/09/1999.

própria existência humana , não mais como questão teológica mas como algo concreto e real.

Não foi, é certo, confiada à Igreja a missão de encaminhar os homens à conquista da felicidade transitória e caduca, mas da eterna.

Pio XI

CONCLUSÃO

Conservadorismo e catolicismo são termos que se relacionam intimamente. A Igreja é uma instituição que sobreviveu 20 séculos em parte por sua cautela em aderir às transformações em qualquer esfera, quer no aspecto social, econômico ou cultural. As tradições católicas variaram de acordo com a época e as características sócio-culturais dos fiéis e dos grupos de influência na própria Igreja. O episódio marco da tensão existente entre o conservadorismo católico e a tradição católica ibero-brasileira foi a questão religiosa de 1870, sendo o ponto fundamental para o avanço do catolicismo romanizado no Brasil.

A Proclamação da República rompeu os laços oficiais de união entre a Igreja e o Estado e inaugurou novas estratégias políticas por parte da primeira. A Igreja da neocrisandade é uma alternativa para a criação de uma base de apoio à ditadura Vargas e um sistema de cooperação entre Estado-Igreja e Igreja-Estado bastante oportuno para ambas as partes. O integrismo brasileiro desenvolveu-se neste contexto histórico e encontrou campo fértil para plantar suas idéias em meio a sociedade naquele período.

No caso específico da diocese de Jacarezinho, encontramos um fenômeno à parte, com uma neocrisandade tardia ou seja, as práticas do catolicismo romanizado desenvolveram-se por mais de uma década. Este fato, refletiu as características sócio-econômicas da região e, ao mesmo tempo, o tipo de formação e o posicionamento do bispo Sigaud, que envolvia a resistência às mudanças em termos sócio-culturais, o repúdio à modernidade, a defesa da tradição conservadora através do engajamento leigo consubstanciado nas Congregações Marianas, o anti-comunismo e a preocupação em ampliar a rede educacional

católica. Estas características principais de seu bispado geraram uma produção intelectual de repercussão nacional e colaboraram com as estratégias do grupo tradicionalista da CNBB que arquitetou o apoio dessa conferência episcopal ao Golpe Civil Militar de 1964 .

As mudanças ocorridas em nível mundial nos aspectos culturais, políticos e econômicos, contribuíram para que houvesse um forte embate entre as forças que desejavam uma “ adaptação da instituição aos novos tempos” , para aqueles que insistiam nas permanências, o Concílio Vaticano II significou uma possibilidade de adaptação da Igreja ao novo contexto mundial. A interpretação verificou-se de diferentes maneiras pelos reformistas e tradicionalistas, no Brasil, sobretudo no início dos anos 60 . O cenário político brasileiro e a preocupação do clero com a possibilidade de uma revolução socialista acabou conseqüentemente provocando uma “união” ainda que temporária entre os grupos de interesse para a defesa da instituição como um todo.

O combate à reforma agrária por parte de D.Sigaud, o seu anticomunismo, sua demonização dos socialistas, foram aspectos importantes para dar apoio e sustentação ao Golpe até o fortalecimento do Regime e o choque deste com alguns elementos do clero. Isto contribuiu para o esvaziamento do apoio da maior parte da hierarquia católica à ditadura. Não foi o caso de D. Sigaud que permaneceu fiel às suas convicções iniciais de fidelidade ao governo e ao mesmo tempo ao Vaticano, evitando polêmicas com os religiosos dissidentes de alguns pontos do Concílio Vaticano II, tal qual a ruptura temporária dos tradicionalistas de Campos com a Santa Sé que se estende até 2001 quando é celebrado um “entendimento com o Vaticano”, estes acabam sendo reconhecidos canonicamente como integrantes da Igreja. Tal fato serve para exemplificar como o

catolicismo se sustenta até nossos dias . Independentemente da visão que cada clérigo tem do mundo, a Igreja tem seus propósitos. Se ocorreram mudanças pastorais a partir do Vaticano II certamente estas não autorizaram mudanças mais profundas a ponto de abalar o conservadorismo característico da instituição , atualmente revestido de novas roupagens por todo o mundo. A luta contra os comunistas acabou, no entanto, ressurgiu um antigo inimigo, “o próprio demônio” .

As referências ao antigo opositor fortalecem-se cada vez mais. Se o retorno à Idade Média não foi possível em termos políticos, ao menos ao nível teológico é algo perceptível.

FONTES

GONÇALVES, Luiz Felipe. *Sigaud o pintor dos operários*. [Rio de Janeiro] : Edibrás , 1981.

GUIMARÃES, Mariângela. Jóias esquecidas : pinturas de Eugênio Sigaud na Catedral Diocesana de Jacarezinho pedem restauração. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jul.1999. Caderno G Artes.

LEÃO XIII. *Diuturnum Illud (Sobre a origem do poder civil)*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1951. Série Documentos Pontifícios , 12, V. 1, p.3-4.

Livro de circulares da Diocese de Jacarezinho. V.1.

Livro de ata da Congregação Mariana de Quatiguá . V.1

MACHADO, Antonio Augusto Borelli (Coord.) *Meio século de epopéia anticomunista-Coleção tudo Sobre a TFP*.2.ed.São Paulo: Vera Cruz, 1980.

MAYER, Antonio de Castro. *Carta Pastoral sobre os problemas do apostolado moderno* . Campos: Secretaria da Diocese, 1953.

OLIVEIRA, Plínio Correia de et alii. *Reforma Agrária. Questão de Consciência*. São Paulo: Vera Cruz, 1960.

_____. *Revolução e Contra-Revolução*. São Paulo : Vera Cruz, 1959.

PEDRIALI, José Antônio. *Guerreiros da virgem a vida secreta na TFP* . São Paulo: EMW Editores, 1985.

PIO IX. *Qui Pluribus (Sobre os erros contemporâneos e o modo de os combater)* . 3.ed. Petrópolis:Vozes, 1960. Série Documentos Pontifícios, 35, v.III, p.8-9.

PIO XI. *Quadragesimo Anno* (Sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social) . 5.ed. Petrópolis: Vozes,1959. 3, v.I, p.44.

_____. *Divini Redemptoris* (Sobre o comunismo ateu) 6.ed. Petrópolis : Vozes, 1959, v.I, p. 29-30.

Pio XII. *Mystici Corporis*. Roma, 1943. p.9 disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_290619....>Acesso em 7 set.2005.

Revista *Época*, ed. 69, 13/09/1999.

SIGAUD, D. Geraldo de Proença. *Catecismo anticomunista*. 3.ed. São Paulo: Vera Cruz, 1963.

_____. *Pastoral de Saudação* . São Paulo [s.n.] : 1947.

Síntese das atividades culturais da faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho PR . Jacarezinho, FAFIJA, 1980. p. 46.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERIGO, Giuseppe (Dir.) . *História do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1996, v.1.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no campo de estudos da religião e da história In GUERREIRO, Silas (org.). *O estudo das religiões desafios contemporâneos* .São Paulo : Paulinas, 2003. p.57-68.

ANTOINE, Charles. *O integrismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ALVES, P. *Experiência de investigação : pressupostos e estratégias do historiador no trabalho com as fontes* In : DI CREDDO, M. do C. et al. *Fontes históricas : abordagens e métodos*. Assis-SP : s.n., 1996, p.33-37.

AVRAHAM, John. *Os judeus do Vaticano*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BANDEIRA, Moniz. *O governo Goulart, as lutas sociais no Brasil 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BARROS, Roque Spencer Maciel. Vida Religiosa e A questão religiosa In HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr(Diretores.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, Tomo II , v. 4, p. 365.

BASBAUN, Leôncio. *História Sincera da república*. São Paulo: Fulgor, 1968, v.4.

BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (coords.) . *Dicionário histórico-biográfico brasileiro (1930-1983)*. São Paulo : Forense Universitária/Finep/FGV, 1983, v.3.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. De José Carlos Barcellos. São Paulo : Paulinas, 1985.

BRANTL, George. *Catolicismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

Breve síntese da história eclesiástica: Arquidiocese de Diamantina. Diamantina : Secretaria do Arcebispado, 2004.

BURKE, Peter (org.) . *A escrita da História: novas perspectivas*. 2 . ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CARDOSO, C.F.; VAIFAS, R. (orgs.) *Domínios da História ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro : Campus, 1997.

CARONE, E. *A segunda república : 1930-1937*. São Paulo : Difel, 1973.

CARONE, E. *A terceira república : 1937-1945*. São Paulo : Difel, 1976.

CASTRO, Marcos. *A Igreja e o autoritarismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CORNWELL, John. *O Papa de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

DELLA CAVA, Ralf . Igreja e Estado no Brasil do séc. XX . *Estudos Cebrap*, São Paulo, Ed. Brasileira de Ciência, n.12, p.5-52 , abr.-jun., 1975.

DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores : História dos Papas*.(trad. Luiz Antônio Araújo) . São Paulo : Cosac &Naify, 1998.

DURKHEIN, Emile. *O problema religioso e a dualidade da natureza humana*. Trad. De Paula Montenero. *Religião e Sociedade*. 2:1 – 27 , novembro de 1977.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. Trad. De Rogério Fernandes. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FALCON, Francisco. *História Cultural uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAUSTO, Bóris. (dir.) *História geral da civilização brasileira*. São Paulo : Difel, 1978.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, s/d.

GASPARI, Hélio. *A ditadura escancarada*. São Paulo : Cia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. De Fanny Wrobel. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna. Decifrando o Sabá*. Trad. De Nilson Mocelin Louzada. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. De Maria Betânia Amoroso. São Paulo, Cia das Letras, 1997.

_____. *Os andarilhos do bem. Feitiçarias e cultos agrários dos séculos XVI e XVII*. Trad. De Jônatas Batista Neto. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 6.ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

HERMANN, Jacqueline. *A História Cultural de Carlo Ginzburg*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Consultado na INTERNET, em 25 de julho de 2001. <http://www.ifcs.ufrj.br/~humanas/0013.htm>

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro 1550 – 1800*. Ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis: vozes, 1974.

KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa : Editora da UFPB, 2003.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo : Alfa-Ômega, 1975.

LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida. Economia e religião na Idade Média*. 2. ed. Trad. De Rogério Silveira Musio. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.

LEVI, G. Sobre a Micro-História. In: BURKE, P. (ORG.). *A escrita da História: novas perspectivas*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.133- 61.

LIMA, Décio Monteiro de .*Os senhores da direita*. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil : 1916 – 1985*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

MANOEL, Ivan A. D. Antônio de Macedo Costa e Rui Barbosa : a Igreja Católica na ordem republicana brasileira. In *Pós- História* , Assis, v.5 : 67-81, 1997.

_____. *A Igreja e a educação feminina : os colégios das irmãs de São José de Chambery : (1859-1919)*. São Paulo : USP, 1988 (Tese de Doutorado).

_____. D. Macedo Costa e a laicização do Estado: A Pastoral de 1890 (Um Ensaio de Interpretação) . In *História* : São Paulo , (n. esp.): 179-192, 1989.

_____. Igreja e laicismo educacional : as bases do conflito. In *Didática* : São Paulo, v.21 : 1-10, 1985.

_____. *O pêndulo da história : tempo e eternidade no pensamento católico.*

Maringá : Eduem, 2004.

MERCADANTE, Paulo. *A consciência conservadora no Brasil* .4.ed. Rio de Janeiro: Top Books, 2003.

MOMBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo : Hucitec-Polis,1977

MORAES Jr., D. Antônio de Almeida. *A Igreja e o comunismo*. Petrópolis: Vozes, 1962.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano o tempo da experiência democrática da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2003.

MOURA, Odilão . *Idéias Católicas no Brasil direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo : Convívio, 1978.

PAULA, David Ferreira de. *O exercício político da fé: Igreja e poder no anos 30 e 40* . In *Pós- História*, Assis, v. 1: 71-77, 1993.

PRANDI, Reginaldo. *Catolicismo e família : transformação de uma ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1975.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é Vermelho : imaginário anticomunista e Igreja Católica no rio Grande do Sul (1945 – 1964)* . Passo Fundo : Ediupf, 1998.

ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo : Kairós, 1979.

_____. *Conservadorismo romântico origem do totalitarismo*. 2.ed. São Paulo : Edunesp, 1997.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de . *Estado e partidos políticos no Brasil (de 1930 a 1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais*. 2.ed. Petrópolis:Vozes, 1986.

THOMPSON, P. *The voice of the past : Oral History*, Oxford, 1978.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das Idéias religiosas no Brasil*. São Paulo : Grijalbo, 1968.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

WACHOWICZ, Ruy Christowam. *História do Paraná*. 6. ed. Curitiba : Editora Gráfica Vicentina, 1988.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5. ed. Trad. De M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tomás J.M. Szmrecsányi . São Paulo : Pioneira, 1987.

WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX : a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.